ILUSTRAÇÃO
N.º 249 — 11.º ano

ILUSTRAÇÃO

Propriedade da Livraria Bertrand (S. A. R. L.)

Editor: José Júlio da Fonseca

Composto e impresso na IMPRENSA PORTUGAL-BRASIL – Rua da Alegria, 30 – Lisboa

Preços de assinatura

	MESES 3	6	12
Portugal continental e insular	30$00	60$00	120$00
(Registada)	32$40	64$80	129$60
Ultramar Português	—	64$50	129$00
(Registada)	—	69$00	138$00
Espanha e suas colónias	—	64$50	129$00
(Registada)	—	69$00	138$00
Brasil	—	67$00	134$00
(Registada)	—	91$00	182$00
Outros países	—	75$00	150$00
(Registada)	—	99$00	198$00

Administração – Rua Anchieta, 31, 1.º – Lisboa

VISADO PELA COMISSÃO DE CENSURA

Fachada dos Estabelecimentos da **Minerva Central** em Lourenço Marques na Rua Consiglieri Pedroso — fundados em **1907**

PROPRIEDADE DA LIVRARIA BERTRAND

REDACÇÃO E ADMINISTRAÇÃO: RUA ANCHIETA, 31, 1.º TELEFONE: — 2 0535

N.º 249 — 11.º ANO
1 — MAIO — 1936

ILUSTRAÇÃO

grande revista portuguesa

Director ARTHUR BRANDÃO

PELO carácter desta revista impõe-se o dever de registar todos os acontecimentos e publicar artigos das mais diversas opiniões que possam interessar assinantes e leitores afim de se manter uma perfeita actualidade nos diferentes campos de acção. Assim é de prever que, em alguns casos, a matéria publicada não tenha a concordância do seu director.

UM GRANDE BRASILEIRO

Rio de Janeiro, Abril — O general Flores da Cunha, cujas simpatias por Portugal são conhecidas, disse estas palavras, em entrevista concedida ao «Diário Português», a propósito da passagem da data de 9 de Abril: «Desde menino que a gente e a Pátria lusas exercem sôbre mim uma grande fascinação. Eu não sei se nós, os brasileiros, seremos os lusíadas do continente moço, mas afirmo que os portugueses são os gaúchos de além-Atlântico. La Lys é uma epopeia, um drama épico dos que geram comovidos entusiasmos e eternizam a raça dos seus protagonistas; mas é, sobretudo, uma formosa gaúchada. Morrer para que os outros possam recuar em ordem e articular-se em calma, batalhar para não colher os louros da vitória porque a morte chegou antes dêles é uma coisa tão rara que se não fôra feita por portugueses só por gaúchos podia ser cometida.»

«Nós seremos o continente «leader» do mundo que se renova, principalmente pelas qualidades de ardor e de afectividade que nos vêm da ascendência ibérica. Portugueses e espanhois, gente de Castela e homens da Lusitânia, deram-nos o sangue, a generosidade e o «panache» que nos distingue e orgulha, a brasileiros e outros irmãos das nações da América do Sul. Maldizer ou malquerer a Portugal é escavar, para os destruir, os alicerces do Brasil.» — H.

O General Flores da Cunha é uma figura notável da grande nação brasileira, mas não é simplesmente notável por ocupar uma das maiores situações políticas daquele formidável país irmão. Muita gente, por êste mundo fora, tem ocupado grandes situações sem que seja possível conhecer os merecimentos que os levaram a êsses cargos.

O General Flores da Cunha, Presidente do Rio Grande do Sul, antes de ocupar êste alto posto ou mesmo deixando de o exercer, é sempre uma figura de indiscutível relêvo. A sua personalidade desenhou-se de tal fórma, mercê duma carreira cheia de firmeza, de talento e de generosidade que, quanto mais os seus inimigos o combatem mais a sua individualidade se vinca na vida da grande nação. É o verdadeiro tipo de brasileiro, produto duma civilização desempoeirada e dum clima formidavelmente criador. Arrebatado e valente mas generoso como poucos. Os seus defeitos, que não podia deixar de ter, são conseqüentes das suas grandes qualidades e estas é que o levaram ao maior triunfo político. Numa pátria em que na vida política se destacaram Campos Salles, Borges de Medeiros, Pinheiro Machado, Rodrigues Alves, Ruy Barbosa, Epitácio Pessoa, Artur Bernardes, Washington Luís, Nilo Pessanha, Getúlio Vargas, e tantas outras notabilidades, ocupando Flores da Cunha o lugar que ocupa, não representa o seu prestígio um acaso, prova um grande valor. Assim é que, uma grande maioria da nação brasileira julgando necessário que à frente do país esteja um homem de talento e de «querer», o aponta desde já para uma futura sucessão presidencial.

Com êstes traços ligeiros sôbre o eminente brasileiro, de quem muito haveria a dizer, melhor os nossos leitores poderão apreciar a sinceridade e a importância das palavras que acima transcrevemos.

As palavras de Flores da Cunha que a Havas nos transmitiu não causando surpresa a quem estas linhas escreve produziram no entanto, pela demonstração pública dum nobre sentimento, verdadeira alegria.

CRÓNICA DA QUINZENA

■

Existe um tratado secreto entre a Polónia e a Alemanha?

O boato têm corrido com uma insistência inquietante. Um jornal de emigrados alemães editado em Paris foi mesmo ao ponto de publicar há tempo o que se pretende seja o texto dêsse sensacional documento. Verdadeiro ou não o facto só vem contribuir para aumentar as desconfianças que ensombram as relações européias.

Segundo as revelações do órgão anti-nazi, os dois países contratantes obrigam-se a examinar em comum as questões relativas a novos compromissos de ordem internacional. Por sua parte, a Polónia compromete-se a não assumir acôrdos que estejam em oposição à política alemã. Na eventualidade duma modificação do «statu quo», as duas partes reunir-se-ão imediatamente para estudar a situação.

Além disto, a Polónia deixaria passar as tropas alemãs pelo seu território no caso do Reich ser atacado a Leste ou ao Nordeste e em troca a Alemanha obrigar-se-ia a defender a integridade política e territorial da Polónia na medida do possível.

Não há nesta história nada de inverosímil, embora nada nos permita tambem aceitá-la como bôa. O objectivo da Polónia seria nêste caso garantir a difícil posição do «corredor de Dantzig». E a êste respeito há quem atribua ao general Göring a seguinte frase:

«A conquista da Russia vale bem o corredor polaco».

Mau sinal será, pois, se os nazis limitarem a sua actividade entre as minorias alemãs da Polónia. Porque isso poderia significar, afinal, a confirmação de tão inquietantes boatos.

■

Nos últimos tempos, os Tratados têm-se desmoronado um após outro com tanta freqüência que mais uma derrocada inspira moderado interêsse à opinião mundial.

Crê-se que chega agora a vez ao de Neuilly, pelo qual os Aliados ditaram condições de paz à Bulgária. A Imprensa daquele país agita a questão e prevêm-se para o dia 6 dêste mês manifestações a favor da denuncia do Tratado.

Mas nêste caso não são apenas as clausulas militares que estão em jôgo. A Bulgária protestou sempre contra a rectificação de fronteiras que a privou duma saída para o mar Egeu e o tratado de Neuilly, reconhecendo em parte o fundamento dessa reclamação prometeu-lhe uma passagem pela Trácia. A Grécia interpreta essa concessão sob o ponto de vista comercial: criação dum porto franco, por exemplo. Mas a Bulgária insiste em ver nela uma garantia de que lhe será restituida uma faixa de terra que a ponha em comunicação com o mar.

A questão vai ressurgir. As duas teses defrontar-se-hão numa batalha diplomática em que o temperamento impulsivo dos povos balcânicos influirá de maneira pouco tranqüilizadora.

■

Por intermédio da Emissora Nacional o sr. Luís Moita vem realizando uma série de conferências em que aprecia com severidade e justiça «a decantada Canção Nacional», para nos servirmos das palavras que êle mesmo usou no sumário do seu trabalho.

Parece-nos vir a propósito a transcrição de parte duma crónica que «L'Illustration» recentemente publicou com o título «L'elevage du cafard», e que, segundo julgamos, passou quási despercebida entre nós. A crónica em questão diz o seguinte:

«Em Portugal a fórmula dilacerante do fado não é menos nefasta; certos sociologos portugueses afirmam que estas canções nostálgicas que o pôvo saboreia tôdas as noites com sombrio prazer, são tão perigosas como o alcool e o ópio. Desmoralizam e enfraquecem a raça, desequilibram os cérebros, desarmam as vontades. Uma raça que experimenta satisfação secreta em analisar as suas infelicidades e levar o desespero ao estado lírico está perdida para a acção. É preciso desconfiar da satisfação secreta que certas almas encontram em entregar-se à melancolia. Não se calcula a que ponto a poesia e a música podem desenvolver esta terrivel perversão e torná-la contagiosa».

Depois disto, estamos a ouvir do lado de cá o argumento invocado com desdem:

— Pois sim. Mas é porque nunca ouviu o João Carpinteiro ou a Maria Rosa...

Evidentemente que os nomes substituem-se aqui, para evitar melindres, os do qualquer contador ou «cantatriz» famosos.

Acresce que, tratando-nos os nossos amigos franceses com a classificação de «toujours gais», desde longas eras, são insuspeitos ao considerar-nos estupidificados por canções nostálgicas. E êles conhecem-nos bem, desde os tempos do pai de Afonso Henriques, pelo menos...

RIVALIDADES ARTISTICAS

Eleonora Duse e Sarah Bernhardt

Como Portugal recebeu as duas grandes trágicas

Sarah Bernhardt

HÁ quarenta anos, quando Eleonora Duse se apresentou a trabalhar em competência com Sarah Bernhardt, no teatro "Renaissance", de Paris, o público dividiu-se em dois colossais partidos, tudo levando a crêr que a vasta plateia se transformaria num verdeiro campo de batalha.

A fama da artista italiana corria pelo mundo inteiro, após as provas dadas através da Alemanha, da Inglaterra, da Rússia, da Escandinávia, da Espanha, de Portugal e até da América.

Duse eclipsaria a Sarah?

O próprio Alexandre Dumas, filho, definira a sua admiração por essa actriz gloriosa, ao pensar na escôlha da protagonista do novo drama que estava concluindo:

— Ah! que se eu tivesse a Duse!

Em bôa verdade, êste desabafo do autor da "Dama das Camélias", não devia agradar muito à altiva judia que puzera tôda a sua alma na criação do seu papel. Que mais poderia desejar o exigente autor?

Enfim, a Duse estava a chegar, no firme propósito de fazer empalidecer a estrela luminosa da criadora excelsa da "Ifigénia". Confiava a italiana no seu talento prodigioso... e na sua idade, pois era quinze anos mais nova do que a sua rival.

Nessa famosa noite, o teatro "Renaissance" encheu-se a deitar por fóra. O comissário de polícia, Mr. Ernest Raynaud, tomou tôdas as precauções para a manutenção da ordem. Não teve um momento de descanso, segundo êle próprio declarou nas suas Memórias, garantindo que, ao organizar os serviços de vigilância durante a chegada de vários reis, príncipes e princesas à capital francesa, nunca supôs que duas actrizes lhe déssem tanto que fazer. Deu ao diabo a judia que tanto se celebrizara em tão pouco tempo, e que êle ainda conhecera, filha duma pobre modista alemã, sem que fôsse possível descortinar-lhe o pai. E então a Duse que tinha vindo ao mundo num comboio em viagem? Não teria sido melhor que o comboio descarrilasse? O pobre do comissário Raynaud dizia mal da sua vida ao vêr encher o teatro de tôda a espécie de indivíduos em cujos rostos julgava vêr estampada a mais requintada malvadez.

Começou o espectáculo. Entrou a Duse representando o segundo acto da "Mulher de Claudio", em italiano, com a sua companhia.

E, então, o comissário Raynaud conta:

"Como não me foi possível encontrar um logar vago na sala, subi ao palco, e, ali, de traz dos bastidores, fui seguindo a representação.

"Quando dei por mim, encontrei a Sarah que espiava, através de uma frincha, a atitude do público e a arte da Duse. Os aplausos sucediam-se cada vez mais calorosos. Cheguei a convencer-me de que cada salva de palmas representava para o amor próprio de Sarah Bernhardt o que uma descarga de fusilaria representaria para um condenado à morte. Isto não impediu que, quando a actriz italiana saíu da cêna por entre as aclamações do público, e após uma triplicada salva de aplausos que parecia fazer caír o teatro, a Sarah abraçasse efusivamente a sua rival, e, beijando-a com a sinceridade de que uma grande actriz seria capaz, lhe dissesse:

"— Divina! Esteve divina, minha querida Eleonora!

"Em seguida, entrou Sarah Bernhardt em cêna. Nessa noite, a grande artista espicaçada pela emulação, esteve como nunca, representando o seu papel com uma espontaneidade e uma naturalidade admiraveis.

Alexandre Dunas, filho, que assistia à representação, compreendeu então a ingratidão que tivera com a sua gloriosa intérprete ao pretender apoucá-la com a presença da Duse.

"Entre tôdas as noites da longa e brilhante carreira de Sarah Bernhardt — é ainda Raynaud que o afirma — foi esta em que a grande actriz representou melhor, e em que, por um curioso capricho da sorte, deveu o extraordinário êxito à sua rival, porque, talvez sem dar-se conta, Sarah não fez mais do que imitar a portentosa arte da Duse."

Não foi bem assim. O ilustre comissário Raynaud poderia ter organizado um modelar serviço de segurança, mas nunca uma crítica imparcial. Apesar de investido das funções de mantenedor da ordem, entrou e saíu do teatro, talvez sem dar-se conta, arvorado em partidário da Duse, e daí a sua má vontade pela Sarah.

Houve alguém que, aludindo ao facto, declarou que a Sarah confiara em demasia no fervor patriótico dos franceses, e, assim, julgando pôr mais em evidência a sua superioridade, abriu as portas do seu teatro à actriz Eleonora Duse que obteve o maior triunfo de que há memória em Paris.

Salienta ainda o mesmo informador que a "Sarah, apesar de ferida na sua vaidade, deu largas à sua generosidade, reconhecendo-se submissa admiradora da arte italiana."

Talvez desta vez não fôsse feita justiça á divina Sarah.

Resta-nos citar um facto bem elucidativo acêrca da passagem da grande trágica por Portugal, e muito especialmente pela capital do Norte.

Representava-se, nessa noite, no Teatro de S. João a "Dama das Camélias", encontrando-se a sala apinhada de admiradores e curiosos. Sarah Bernhardt, como sempre, ia magistralmente no seu papel.

No último acto, quando se dá a morte de Margarida Gauthier, e todo o público assiste, emocionado, suspenso, a êsse rasgo de talento da divina judia, ouve-se o bater sêco duma cadeira, causado por uma pessôa que se levanta. Ante uma tal impertinência, o público protesta, tentando meter na ordem o importuno senão irreverente espectador. Tratava-se do padre de Matosinhos que não queria perder o último carro que partia da Praça da Batalha, à meia noite. A ter de assistir ao caír do pano, seria forçado a alugar um trem, e tanto não valia o seu amor pela arte.

Quando a figura musculosa do padre se desenhou na penumbra, procurando deslisar como um fantasma por entre aquelas almas emocionadas, novamente se ouviu o murmurar da plateia que não admitia interrupções.

Margarida Gauthier sucumbia, minada pela tuberculose, aguardando a chegada de algém que o seu sub-consciênte lhe segredava ser o ingrato Armando. Morria na flôr da idade, rehabilitando uma existência desregrada que fôra forçada a arrastar.

Ante a indignação do público ao aperceber-se da atitude do padre que continuava a abrir caminho, com a pressa de quem vai salvar o pai da fôrca, ouviu-se a voz do Artayett, o inolvidável Artayett que nunca perdia a sua graça chistosa:

— Deixem-no ir. Vai ver se lhe apanha o entêrro!

Rebentou uma gargalhada geral. Sarah Bernhardt, supondo-se agredida pelo ridículo, parou a representação, e mandou descer o pano. Nunca ninguem se rira do seu trabalho, e, no entanto havia percorrido as principais capitais do mundo Iria do Porto, sem saudades, e na intenção firme e irrevogável de não voltar.

Foi nesta altura que alguem da intimidade da grande artista lhe explicou o caso, salientando-lhe que o Artayett, espírito culto e sincero, era um dos mais fervorosos admiradores do talento de Sarah Bernhardt. A sua frase constituia o maior protesto ante a importuna atitude do espectador incómodo.

Quis a artista que lhe apresentassem o chistoso Artayett que, com a sua graça de sempre, explicou melhor que ninguem o incidente. Sarah Bernhardt riu a bandeiras despregadas, e continuou a representar na cidade do Porto, tendo cada noite constituido um triunfo colossal.

Alexandre Dumas (filho)

Outro tanto não aconteceu á Duse. A sua passagem por Portugal poderia ter ficado gravada em mármore, mas não nos corações.

Grande foi o seu talento que Gabriel d'Annunzio explorou a seu modo, o melhor que pôde e soube. No entanto, Portugal não se deixou cativar pela artista italiana que se fazia intitular a "maior actriz do seu tempo". O Porto parecia mais exigente do que Paris, mostrando assim quão ingrato havia sido o autor da "Dama das Camélias" ao tentar diminuir Sarah Bernhardt ante a fama colossal de que Duse se fazia rodear para vencer uma tão poderosa rival.

Eleonora Duse

No teatro S. Luiz, de Lisboa, então teatro D. Amélia, existe ainda uma lápida com estes dizeres: *Eleonora Duse, 12 de Abril de 1898.*

Nesse dia, ás três horas da tarde — diz uma notícia que arquivamos — foi descerrada a lápida em memória da passagem da grande actriz por aquela cêna. Assistindo grande número de senhoras, artistas e escritores, entrou Eleonora Duse, vestida de branco e com uma longa capa de veludo côr de cobre. A orquestra executou, nesse momento, o hino italiano, enquanto uma criança oferecia á insigne artista um lindo ramo de rosas. Em seguida, a Duse descerrou a lápida que se encontrava coberta com a bandeira do seu país e uma coroa de louros.

Em face de uma tal consagração, a genial interprete da "Filha de Jorio" podia considerar-se em terreno conquistado. Tudo parecia indicar que Portugal rendia a mais sincera vassalagem ao talento da Duse. Mas não sucedeu assim.

Repare-se que, alguns dias depois, a excelsa actriz seguiu para o Pôrto onde deu o primeiro espectáculo com "A Dama das Camélias", conseguindo apenas meia casa. Dois dias depois, deu a segunda récita com a "Magda" e pouco mais obteve. Temdo anunciado a terceira récita com a "Segunda mulher de Tanqueray", não a pôde realizar por falta de público!

Desiludida, a pobre Duse partiu nessa mesma noite para a Itália!

Foi assim que Portugal recebeu as duas grandes artistas.

O Instituto Francês de Portugal

inaugurou as suas novas instalações na ala ocidental do Palácio da Legação de França

O Instituto Francês de Portugal, que conta sete anos de existência, inaugurou no dia 21 do mês findo as suas novas instalações, na ala ocidental do Palácio de Abrantes, onde está instalada a Legação de Portugal.

A decoração das novas dependências foi confiada aos arquitectos irmãos Rebelo de Andrade que executaram obra de apurado gôsto. O vestíbulo em mármore, as salas do 1.º andar decoradas, pintadas e mobiladas no estilo português da primeira metade do século XVIII, formam um agradável conjunto. O exterior do edifício foi também cuidado e oferece belo aspecto.

A inauguração realizou-se num ambiente de intimidade e cordialidade. A ela concorreram eminentes personalidades francesas e portuguesas. Estiveram ali, por exemplo, entre outras pessoas o sr. ministro da França, pessoal da Legação e do Consulado; M. Warnier, director do Instituto, que fazia as honras da casa, e os srs. dr. José Soares Franco e capitão Alvaro Afonso dos Santos, representantes, respectivamente, dos srs. ministros da Educação Nacional e dos Negocios Estrangeiros; dr. Júlio Dantas, presidente da Academia das Ciências de Lisboa; António Ferro, director do Secretariado da Propaganda Nacional; coronel Costa Veiga, director da Biblioteca Nacional; dr. José de Figueiredo, director dos Museus Nacionais de Arte Antiga; prof. drs. Queiroz Veloso, Hernani Cidade, Moses Amzalak, Gonçalves Pereira, Celestino da Costa e João da Silva Correia; conselheiro Fernando de Sousa, dr. Mário Pinheiro Chagas, Joaquim Leitão, Tomaz Ribeiro Colaço, Leonel Raoul Duval, Carlos Queiroz, Pedro de Moura e Sà, dr. Gaspar Machado, além dos muitos membros da colónia francesa.

M. Warnier, director do Instituto, agradeceu a presença de todas estas personalidades, acentuou a realização da primeira fase do progresso deste centro de cultura, marcada juntamente pela inauguração que se fazia, e a propósito expôs as premissas do seu programa no futuro.

Salientou que os objectivos do Instituto comportam, em especial, as iniciativas tendentes a multiplicar as permutas entre os meios universitários português e francês: conferências, cursos de férias, estágios de estudantes, etc. O Instituto preocupou-se também em organizar uma biblioteca de leitura e empréstimo e uma sala de leitura de jornais. A falta de instalações tem obrigado os seus serviços a funcionar até agora na Escole Française que, sob a alta autoridade do ministro da França em Lisboa reune um número cada vez maior de alunos portugueses e franceses.

M. Warnier pôs em relêvo a importância dedicada pelo Instituto às suas publicações: o Boletim do Instituto Francês, o Boletim dos Estudos Portugueses, a que se pode juntar o Boletim do Centro de Documentação Económica Francês, publicado pelo Instituto Económico com a sua activa colaboração.

Recordou também que o Instituto público em Paris nas «Editions das Belles Lettres» uma colecção portuguesa que conta já três volumes: um de Pierre Houread sôbre Guerra Junqueiro, o D. Juan de Manuel da Silva Gaio e um belo estudo de Parreaux sôbre Portugal na obra de Beckford, que acaba de vir a público.

Traçando o programa futuro do Instituto, M. Warnier apontou em primeiro lugar o acabamento das instalações, de modo a poder concentrar os serviços.

Sôbre a expansão do Instituto em Portugal, disse que se organizára um centro de estudos franceses em Coimbra e que se estudava a criação dum similar no Porto. Anunciou para breve uma importante exposição de teses francesas e outra de livros escolares.

Em seguida M. Amé Leroy, ministro da França em Lisboa, considerou inauguradas as instalações e salientou que êsse acto era uma afirmação da vontade do seu país em desenvolver as relações cordiais que mantinha com o nosso. Verificava com prazer que ela se manifestava num ambiente, em que simbolicamente se associavam as tradições de história e de arte portuguesa á obra de solidariedade e amizade franco-lusa.

Por fim serviu-se um «Porto de Honra» a todos os convidados.

A' ESQ. *A fachada das novas instalações.* EM BAIXO: *M. Raymond Warnier, director do Instituto*

O ministro da França, M. Amé Leroy, com os convidados a cerimonia da inauguração

SEMANA DAS COLÓNIAS

As exposições de Arte Africana e de Intercâmbio escolar

Um aspecto da curiosa exposição de Arte Africana. A' DIREITA: O sr. conde da Penha Garcia proferindo o discurso inaugural.

De 19 a 26 do mês findo celebrou-se em Lisboa a Semana das Colónias, iniciativa da Sociedade de Geografia que marcou em todos os números do seu programa uma patriótica elevação.

Na Sala Portugal da prestimosa colectividade foram inauguradas as Exposições de Arte Africana e de Intercâmbio Escolar. A primeira foi organizada sob a proficiente direcção do escultor Diogo de Macedo, que também elaborou o catálogo, enriquecido com curiosas notas etnográficas. A segunda esteve a cargo do ilustre inspector escolar sr. Mira Saraiva.

Entre os objectos de arte indígena expostos, em número de 599, viam-se esculturas de madeira, de marfim e de metal, mocas, lanças, bastões, insignias, originárias de Benim, Guiné e ilhas caboverdeanas, Angola e Moçambique, sendo de particular interêsse e valor as colecções de Benim, em que figuram quatro cabeças de guerreiros, de bronze, ornamento dos aposentos reais e santuários privados, um vaso decorativo, de zinco, para uso de exorcismos, uma serpente de chapa de ferro repuxado, etc.

Foi esta arte de Benim, de autênticas obras primas de estatuaria, que levou os sábios etnografos e os críticos de arte gentílica a distinguir acertadamente a chamada arte pré-lusitana da colónia, que é quási tôda a originária dos lugares onde o nosso amor chegou para estimular os dotes plásticos dos negros.

As nove esculturas que constituem a sua principal riqueza, foram oferecidas em 1899 à Sociedade de Geografia pelo sábio alemão dr. Maximiliano Schoeller.

Da Semana das Colónias fizeram ainda parte numerosas conferências por individualidades marcantes no meio colonial e uma sessão solene de encerramento no dia 26 a que presidiu o Chefe do Estado.

A MULHER E O TOURO

Numa praça de Madrid apresentou-se recentemente com grande êxito a toureira Enriqueta Palmeño. No decurso duma lide arrojada que o público aplaudiu com entusiásmo, a artista foi vítima duma colhida que o nosso instantâneo reproduz. O acidente não a impediu de continuar a tourear, o que prova a boa têmpera das mulheres quando se dedicam a enfrentar as feras.

O DEALBAR DO SIONISMO

Os judeus reconstróem a sua única Pátria

Uma fé que soube resistir à fúria destruïdora dos séculos

A cidadela de Jerusalém, vista do vale Hinnon

APESAR dos sangrentos tumultos provocados pelos muçulmanos na Palestina, a formosa e florescente cidade de Tel Aviv vai enfeitar-se com as suas melhores galas para festejar condignamente, no próximo dia 12, o 27.º aniversário da sua fundação.

Quem observar, mesmo de longe, um tão arrojado empreendimento, ficará fazendo uma ideia da prodigiosa tenacidade dos judeus que, nem as fúrias do Faraó, nem a tirania de Nabucodonosor, nem as violências dos cruzados e seus sucessores, conseguiram enfraquecer ou desmembrar.

No dia 12 de Maio de 1909 foi fundada a cidade judia de Tel Aviv com uma população de duzentas pessoas. Pois em 1933 essa população era já de 90 mil. Possui esta cidade florescente uma Universidade modelar, passando a língua hebraica a ser uma língua viva, suave e maleável como os versos harmoniosos de Salomão e a música inspirada dos salmos de David.

Este rápido desenvolvimento de sionismo alarmou as populações muçulmanas que se julgavam, não só com direitos sôbre uma terra que não era sua, como com a faculdade de expulsar dali os verdadeiros filhos daquele território judeu, cuja posse está confirmada pelos mais antigos documentos que existem no mundo.

O avanço constante dos judeus sôbre a sua pátria apavorava os muçulmanos. E o caso não seria para menos, se aceitássemos como legítima a ganância árabe. Segundo as últimas estatísticas, a imigração no ano de 1933 foi de 27.900 judeus em 29.200 imigrantes.

O sionismo triunfa, apesar de tôdas as dificuldades que lhe opõem, e sem o recurso das pragas que tanto amedrontaram os arrogantes egípcios de outras eras.

O que até há pouco se nos afigurava uma quimera, aparece em plena realização, graças à tenacidade e persistência dos judeus que constituem o povo de maior fé que o sol cobre em todo o universo, desde que o mundo é mundo.

Chegou a hora do triunfo dos sionistas.

Há muitos anos foi lançada a ideia da criação de um Estado judaico autónomo, que se intitularia a *Nova Sião*. Nada mais simpático do que um tal esfôrço em prol de um povo escravizado que anseia por libertar-se, e que, tendo atravessado as ondas do Mar Vermelho, deixou apavorado o cruel Faraó de coração de pedra. Rolaram os séculos, mas a sua fé não esmoreceu nunca, sempre de olhos postos nas tábuas do Sinai, confiantes no maná do Deserto, e na sua nova entrada na Terra da Promissão. A sua firmeza milenária mantem-se ainda, como sempre, nos profundos alicerces que Abrahão traçou, Jacob argamassou nos dozes pilares em que assentaram as tríbus dos seus filhos, Moisés dignificou com o seu prestígio de condutor de povos, e o rei David cantou em salmos maviosíssimos através da sua acidentada jornada por êste vale de ingratidões.

O grão-Rabino da Palestina, A. I. Cook

Surgiria, portanto, a *Nova Sião*. Êste Estado recrutaria, instantâneamente, os seus cidadãos entre as vítimas do anti-semitismo que se alastram pela terra inteira.

Até 1882, esta concepção era pouco mais do que teórica, chegando a haver até quem a considerasse utópica. Podia lá ser! Como conseguiriam os judeus restaurar a nacionalidade judaica na própria Palestina?

Nisto, começaram na Rússia as perseguições aos judeus. Era sina desta raça que, desde os começos do mundo, estava condenada, por um terrível anátema, a errar sem descanso sob o açoite dos vários donos que se sucediam, de geração em geração.

Poderia um povo culto aceitar êstes disparates do fatalismo?

Como tôda a ideia perseguida é sempre ideia propagada, a fúria selvática dos russos originou, como seria de prever, uma reacção formidável. E, assim, o sionismo criou alentos suficientes para triunfar. Foram fundadas na Palestina colónias judaicas que o barão Edmundo de Rothschild subvencionava com a sua magnificência de multi-milionário. Pela sua parte, o barão Hirsch, apesar de não ter grande confiança no êxito do empreendimento, gastou imenso dinheiro no estabelecimento de trinta colónias judaicas na República Argentina, e que tinham por fim desenvolver a agricultura.

Há quarenta anos, o dr. Teodoro Herzl, de nacionalidade húngara, resumiu as aspirações sionistas numa obra magnífica que intitulou "O Estado Judeu», conseguindo provocar entre o povo israelita da Europa oriental um vasto movimento que criou, a breve trecho, as mais profundas raízes.

Foi ainda dêste fogoso caudilho israelita que surgiu a iniciativa do primeiro Congresso sionista, realizado em 1897, na Basileia.

Em dado momento, os sionistas dividiram-se em dois grupos: o formado pelos *intransigentes* que não toleravam que a pátria judaica tivesse outro local senão na Palestina, e o formado pelos *territorialistas* que não faziam questão de lugar, limitando-se a aceitar todo e qualquer território, fôsse onde fôsse.

Com a Grande Guerra, as aspirações sionistas defendidas briosamente por Chaïm Weizmann e Nahum Sokolov, e encorajadas pelos aliados, que pareciam dispostos a pulverizar o terrível anátema que nada justificava, seguiam ovantes para a sua realização.

A famosa declaração de Balfour, prometendo, após a consolidação da paz, a criação do *Lar Nacional Judeu*, na Palestina, foi o grande passo para essa aspiração de há tantos séculos. Esta promessa ficou consignada no mandato palestino concedido à Grã-Bretanha, pela Sociedade das Nações, em 1920.

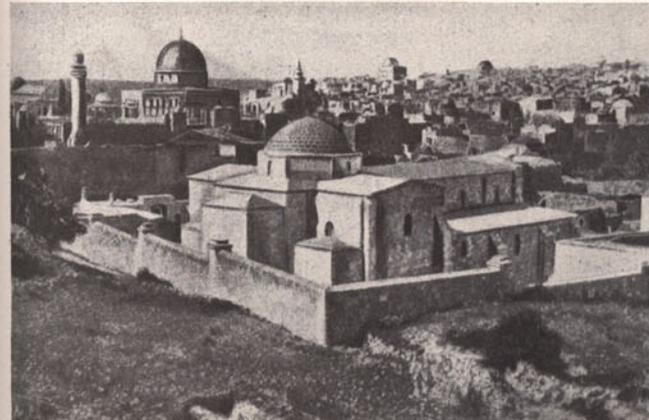
Imediatamente, os imigrantes judeus acorreram em massa à Palestina que foi, é e será a Terra Santa das suas tradições mais gratas.

Assim foi fundada a formosa cidade de Tel Aviv que rivaliza em melhoramentos e confôrto com as mais progressivas cidades mundiais.

Ao percorrermos, de relance, as mais angustiosas páginas da história dos judeus, verificamos sem esfôrço que um povo dotado de uma tal preseverança e fé inquebrantável nos seus destinos, é imortal, é eterno.

Não carecemos de ir evocar as citações bíblicas, em que ressalta a sabedoria que embalou a actual civilização. Basta-nos citar o formidável esfôrço desenvolvido pelos judeus em eras mais recentes, e, portanto, de mais fácil recordação.

Verifica-se que, após a tomada de Jerusalem, os judeus, seguindo um plano estratégico, abandonaram as lutas políticas, e limitaram-se a codificar e a esclarecer as suas tradições religiosas, segundo os doutos conselhos de Jochanan-Ben-Sakkai, fundador do rabinismo. Seguiu-se a influência talmúdica que durou até o século VIII da nossa era.

Selos com os retratos dos caudilhos judaicos: Moisés Hess, Moisés Montefiori, Samuel Mohiliver, J. L. Pinsker, H. Shapira e Dr. Herzl. Em baixo: *Jerusalem*

Sempre persistentes, os judeus freqüentaram as escolas dos árabes, e alastraram pela Ásia, pela África e pela Europa. Firmes, como no dia em que seguiram Moisés, atravessaram séculos e séculos, idealizando um lar em território pátrio, e sonhando com a libertação a que tinham direito.

Quando menos se esperava, elevavam no Egipto dos seus primitivos perseguidores o mais belo centro de cultura intelectual que pode imaginar-se. A sua escola do Cairo é ainda citadacom o um verdadeiro prodígio.

O seu avanço continuava sempre, lentamente, lentamente...

A partir do século X, escolheram a Espanha que se tornou o lugar de eleição da literatura judaica. Toledo conseguiu iluminar o mundo com os espíritos cintilantes que passaram pela sua formosa escola, como Menachem Ben Saruk, que foi o autor do primeiro dicionário em língua hebraica; Judá Chajug, pai da gramática hebraica; Salomão Ibn-Gabirol, poeta e filósofo neo-platónico; Isaac Ben Jacob Alfassi, talmudista ilustre; Ibn Esra, poeta e filólogo; Mosés Ben-Maimon, o mais ilustre filósofo do judaísmo, que comentou a *Mischna* e codificou o *Talmud*, e tantos outros. No século XIII surgiu a Cabala. Floresceram as matemáticas, a astronomia, a física, a medicina, a história e a geografia cultivadas afincadamente pelos judeus que compunham as suas obras em àrabe ou hebraico moderno. Nessa mesma época, colónias de judeus cultivavam com êxito a ciência árabe através da Palestina e da Provença, chegando os estudos talmúdicos a alastrar até Bari, Otranto, Luca, Nápoles e outros pontos italianos.

Selos judeus, vendo-se ao centro a Universidade da Palestina e os túmulos dos sacerdotes de Abrahão, Isaac e Jacob

Ainda assim, só a partir de 1475, é que a literatura judaica recebeu alentos, graças às imprensas hebraicas fundadas em Brescia, Bolonha, Mantua, Nápoles e Leorne. Foi um grande avanço, é certo, mas não o suficiente, porque a maior parte da preciosa literatura judaica da Idade Média encontra-se ainda inédita.

O século XVI, como todos sabem, foi de terrível perseguição para os judeus, especialmente na Península Ibérica.

Só no século XIX é que os judeus voltaram a conquistar a sua antiga fôrça, envolvendo-se, cada vez mais, na vida política e social das nações em que estabeleciam residência.

Hoje, na Palestina, o sionismo cria raízes, graças um fundo nacional que se destina a colonisação. A sua nova emissão de selos tem por fim enriquecer êsse fundo que, por sua vez, é destinado à compra de terrenos e ao seu natural desenvolvimento. Dentro da Palestina, êstes selos constituem franquia legal. No entanto, para o estrangeiro nenhum bom judeu deve deixar de estampilhar a sua correspondência com êstes selos além da franquia obrigatória, visto que, procedendo assim, contribuem para o seu próprio resgate.

Quizemos dar uma pálida ideia do movimento sionista que, incubado há muitos anos, acabou por germinar, embora regado com sangue, prometendo dar flor e fruto dentro em breve.

Gomes Monteiro.

HUMORISMO

Um revisor dos caminhos de ferro entrou numa carruagem e pediu aos passageiros que lhe mostrassem os seus bilhetes. Examinou vários e preveniu os portadores:

— O senhor enganou-se. O seu combóio é o que parte pela linha 6. Tem de mudar para lá imediatamente.

Continuou o serviço de conferência e encontrou mais passageiros que se tinham equivocado no combóio a tomar. Até que um dêstes já no momento de descer do vagão teve a ideia luminosa de preguntar ao revisor se êle não se teria enganado no combóio. E tinha.

■

O marido lia o jornal em silêncio e em certa altura interrompeu-se para dizer á mulher.

— Diz aqui numa estatística que 75 % das pessoas multadas por viajarem sem bilhete são mulheres.

— Não admira nada — respondeu-lhe a cara metade. — Está provado que elas são muito mais económicas do que os homens.

■

— Porque razão será que os homens de génio são em geral tão distraídos.

— ???... Desculpa. Não reparei no que estavas a dizer...

■

O compositor Liszt tinha um bom humor inalterável. Dois amigos apostaram encolerizá-lo e procuraram a criada do músico.

— Qual é a cousa com que o seu patrão é mais exigente?

— Quere a cama muito bem feita.

— Aqui tem uma libra e durante alguns dias faça a cama mal para ver o que êle diz.

No dia seguinte Liszt chamou a criada e disse-lhe:

— Olhe que ontem esqueceu-se de me fazer a cama.

O "esquecimento„ repetiu-se e ao terceiro dia Liszt disse á criada:

— Vejo que já não sabe fazer a cama... Mas não faz mal. Já vou estando habituado.

■

O chefe dos escritórios duma casa comercial perdeu cem escudos e no dia seguinte um "groom„ apareceu a restituir-lhe a importância que tinha encontrado.

— És um rapaz honesto — disse-lhe êle

— Então porque é que o menino está a chorar?
— Perdi-me da minha mãi... e hoje tinhamos pudim á sobremesa!

— Nisto de equilíbrio o segrêdo todo esta em não olhar para baixo.

— Papá, quando andavas na escola mandavam-te achar o máximo divisor comum?
— Sim, meu filho.
— Pois ainda não conseguiram dar com êle. Tambem mo mandaram procurar.

— Mas não compreendo como perdi uma nota e me aparece agora trocada em moedas de dez escudos.

— É que da última vez que encontrei uma nota de cinqüenta escudos, o dono elogiou-me muito e disse ter muita pena de não trazer troco consigo.

■

— O tónico capilar que me vendeu fez-me cair o cabelo todo.

— Perfeitamente. É para arranjar espaço para o que lhe vai agora nascer.

■

Um homem entrava todos os dias à mesma hora num estabelecimento, pedia um copo de vinho, fechava os olhos e bebia-o dum trago.

O caso começou a ser notado e comentado. Certo dia, outro frequentador da loja dirigiu-se-lhe disposto a obter a explicação do facto.

— O sr. vem aqui tôdas as tardes e pede um copo de vinho. Nada mais natural. Mas há uma cousa que gostava que me explicasse: para que fecha os olhos quando bebe?

— É simples — respondeu o outro. — Basta-me olhar para um copo de vinho para me crescer água na boca. E fecho os olhos para não misturar água no vinho.

O 32.º aniversário do Sport Lisboa e Benfica

FESTEJOU durante a quinzena o seu XXXII aniversário, o popular Sport Lisboa e Benfica, uma das colectividades desportivas que, pelas suas tradições e pela sua expansão, melhor representa o meio associativo português.

O velho Benfica, velho nos anos que não na pujança, é incontestavelmente o mais popular propulsor da ideia desportiva no nosso país. O festival comemorativo do aniversário agora celebrado, teve particular interesse pelo simbolismo de que se revestiu.

Perante o sr. Presidente da República, ministros da Educação Nacional e Justiça, desfilaram numa imponente parada atlética, as fôrças vivas do club, algumas centenas de rapazes e raparigas entre os quais figuravam campeões dos mais prestigiosos no desporto português.

Elementos femininos que tomaram parte na parada comemorativa do aniversário

A passagem por diante da tribuna presidencial, os atletas saüdaram à moda olímpica, erguendo, com êsse gesto para o Supremo Magistrado da Nação, um apêlo mudo mas não menos eloqüente do que aquele mais tarde apresentado pelos dirigentes do clube e das entidades desportivas.

Vários aspectos da parada atlética: o desfile dos nadadores, dos ciclistas, e, em baixo, das classes infantis

Federações, associações e colectividades de desporto endereçaram ao sr. general Carmona um apêlo oportuníssimo no sentido de ser conseguido, por parte dos poderes públicos, o auxílio geral e eficaz à obra de iniciativa particular que tanto tem contribuído para o revigoramento físico e patriótico do povo.

Afonso XIII

O FUTURO DA ESPANHA

Afonso XIII ou Afonso XVIII?

Desventuras que perseguem a dinastia dos Bourbons

A República Espanhola festejou ha dias o seu 5.º aniversário por entre tumultos e manifestações congéneres, á semelhança do que aconteceu ha sessenta e tantos anos.

A 1.ª República, proclamada em Espanha pela revolução de 1868 que desterrou a rainha Isabel II, teve também estas oscilações, acabando por caír de inanição, apesar dos paliativos do ingénuo Castelar.

Nessa altura, os espanhois, como as rãs da fábula, pediam um rei, viesse êle donde viesse. Mesmo de Portugal, servia... O essencial é que aparecesse um soberano, disposto a arcar com o pêso da corôa e a ingratidão dos seus vassalos.

Grandes dificuldades tiveram os estadistas espanhois em desencantar o incauto Amadeu de Saboia que, ao aperceber-se das manhas do rebanho que lhe confiavam, tomou o rumo da sua terra, dizendo mal da sua vida, mais das cabras que ninguem queria guardar.

A época actual é muito diferente da de então; ainda assim, a História repete-se muitas vezes.

Para onde caminha a Espanha neste momento?

Regressará à monarquia como ha sessenta anos? Não é provável, atendendo ao novo rumo que as coisas tomaram.

Afonso XIII, se alguma popularidade conseguiu durante os vinte e nove anos do seu reinado, perdeu-a completamente ao saír do seu país, abandonando a mulher e os filhos ao seu destino e ao arbítrio dos vencedores.

Mas, se voltasse? Como nada é impossível neste mundo, e muito menos na Espanha, se amanhã se lembrassem de pôr anúncio — *Rei, precisa-se em boas condições* — quem se afoitaria a aparecer?

O ex-rei de Espanha deve dar-se por muito feliz em vêr-se liberto da intriga política que não faz bom cabelo, e das vaidades inconcebíveis dos seus vassalos que o mais leve despeito transforma em inimigos terríveis, senão em traidores perigosos.

Voltar ao trono, tão sòmente por uma questão patriótica, na intenção de pacificar os espíritos e reunir numa santa harmonia todos os espanhois, a bem do engrandecimento da Espanha e da felicidade da sua população?

Afonso XIII com o príncipe das Astúrias em 1908

Quem poderia acreditar numa tal utopia?

O regresso de Afonso XIII a Madrid, longe de acalmar os espíritos exaltados, mais os acirraria, atirando com a nação para uma guerra civil. E' certo que a 1.ª República atravessou dois dêsses períodos sangrentos, e, por isso mesmo, tombou esgotada, sem acção, ante um povo ignorante que nem chegou a compreender a razão da mudança do regime.

Hoje, a Espanha, apesar de se dizer que pensa um pouco mais à moderna, não sabe ainda bem o que deseja, nem do que precisa.

Chegamos a ter a impressão de que todos desejam o bem da Espanha, embora se empenhem em fazer-lhe todo o mal que podem.

E se o ex-soberano voltasse?

Quando Sua Majestade Católica subiu ao trono espanhol, no ano da graça de 1902, tomou o título de Afonso XIII, rei de Espanha, Castela, Leão, Aragão, Duas Sicilias, Jerusalem, Navarra, Granada, Toledo, Valença, Galiza, Maiorca, Minorca, Sevilha, Sardenha, Córdova, Córcega, Múrcia, Jaen, Algarve, Algeciras, Gibraltar, Ilhas Canarias, Indias orientais e ocidentais, India e continente oceanico, arquiduque de Austria, duque de Borgonha, Brabante e Milão, conde de Habsburgo, Flandres, Tirol e Barcelona, senhor de Biscaia e Molina, etc., dando a impressão de que seguia o mesmo critério do seu antecessor Filipe IV que, após ter perdido grande numero de territórios, tomou o título de *Grande*. Isto originou o famoso dito do palaciano que comparou o soberano a um pôço.

A um pôço? E porquê? E' porque se tornava maior, à medida que lhe iam tirando a terra...

Emfim, como é norma dos títulos reais manterem-se, quer abranjam quer não o que especificam, não é nossa intenção propôr a sua reforma.

Com o que não concordamos é com a designação de Afonso XIII.

Em rigor histórico, o último rei de Espanha deveria chamar-se Afonso XVIII, visto ser o 18.º rei que com êste nome reinou em Espanha.

Repartido pelos vários reinos, seria Afonso XII das Asturias, IX de Leão, VII de Castella, VII de Aragão, e III de Navarra. Como rei de todas as Espanhas seria Afonso II, visto que seu pai havia sido o I.

Agora que vai passar o 50.º aniversário natalício dêste soberano, salta-nos á vista a nefasta influência que o mês de Maio teve na sua existência.

Nasceu no dia 17 de Maio de 1886, sendo coroado rei no mesmo dia, dezasseis anos depois. No dia 31 de Maio de Maio de 1905 sofreu um atentado em Paris de que se salvou por mero acaso. No ano seguinte, e no mesmo dia, celebrando-se o seu casamento com a princesa Victória Eugénia de Battenberg, foi alvo de outro atentado que lhe despedaçou o côche e causou grande número de vítimas. Foi ainda em Maio, no dia 10, que veio ao mundo o príncipe das Astúrias, herdeiro do trono, mas tão enfermiço, que logo se reconheceu a impossibilidade de vir a suceder a seu pai. Este ainda teve o peito alentado de uma camponesa asturiana que, ao amamentá-lo, lhe ia inoculando a vida, como se de uma transfusão de sangue, em pequenas doses, se tratasse.

O pobre do príncipe das Astúrias, além do mal hereditário por via paterna — seu avô Afonso morreu tísico com vinte e oito anos de idade — tinha ainda a terrivel enfermidade de hemofilia por parte de sua mãi.

Não podia ser rei!

Também, se havia de ser tão desgraçado como o seu antepassado Afonso VI de Leão e das Astúrias que, perseguido por seu irmão Ramiro II, teve de abdicar e recolher-se a um convento, donde saíu para que lhe mandassem arrancar os olhos, foi muito melhor assim.

Ainda se o enfermiço príncipe das Astúrias conseguisse equiparar-se ao seu avô Afonso XII que, apesar da doença que o minava, conquistou as gerais simpatias dos seus vassalos, o seu orgulho de filho de rei não seria tão duramente experimentado.

Mas nem isso é permitido ao pobre príncipe, cuja enfermidade fez desmoronar todos os seus sonhos mais gratos, e até o próprio lar conjugal que, um dia, sob uma réstea de esperança, construira com as suas débeis ilusões.

Conta-se que Afonso XII tinha por hábito saír de noite acompanhado pelo seu secretário particular, duque de Medinaceli, vagueando pelos mais afastados bairros de Madrid e entrando nas tabernas, a fim de comunicar mais de perto com o seu povo.

Outro retrato do ex-rei

Uma vez, travou conversa com um indivíduo que, apesar da modéstia do seu trajar, dava a impressão de ser um fidalgo arruinado que ainda mantinha traços e modos da sua estirpe.

Conversaram durante longo tempo, até que, sendo noite alta, o rei se decidiu regressar ao palácio. Quando se despedia, sem contudo indicar a sua identidade, o desconhecido levantou-se, e declarou com o ar mais solene:

— Entre nós, os nobres, é uso acompanharmos os nossos hóspedes até à porta de sua casa.

— Mas, por quem é... — titubiou o rei que persistia em guardar o incógnito — não se encomode...

— Tenho até um grande prazer — insistiu o outro — os senhores são meus hóspedes, por isso se sentaram à minha mesa. Vou acompanhá-los a casa. Tenho nisso imenso prazer.

O rei não sabia como saír daquele apuro.

— Esta só pelo diabo! — segredava êle ao duque — não temos outro remédio senão dizer quem sômos.

Foram andando até ao palácio e, uma vez ali, tendo o secretário aberto uma porta escusa do jardim, o soberano estendeu a mão ao tão amável quão importuno companheiro, e revelou-se:

— Afonso XII, Palácio do Oriente!

Por sua vez, o secretário apresentou também as suas despedidas:

— Duque de Medinaceli, Palácio do Oriente!

O outro, supondo tratar-se de dois graciosos que estivessem a divertir-se à sua custa, ripostou no mesmo tom:

— Pio IX, Vaticano!

E foi-se embora muito convencido de que tinha compensado a *broma* dos dois imfatuados desconhecidos.

Passou-se isto há cinqüenta anos. Hoje seria muito difícil, senão impossível, ficar de pé uma confusão desta espécie...

Para onde caminhará a Espanha?

Afonso XIII e D. Vitória Eugénia no dia do seu casamento em 1906

O «coração do Atlântico» representado pelo ponteado, no maximo da sua dilatação

SURPRESAS DA OCEANOGRAFIA

O "coração do Atlântico"

Um mito que se desfaz: o "Gulf Stream"

ATÉ há pouco tempo o clima benigno do nosso país era atribuido pela ciência ao Gulf Stream. A êste se devia — segundo explicaram os meteorologos — o facto de Nova York conhecer invernos rigorosos ao passo que Lisboa, situada num paralelo sensivelmente igual, goza dum clima suave, chegando muitos dos seus habitantes a não conhecer a neve, que durante alguns dias do ano cobre aquela grande cidade norte-americana.

Em que consistia o Gulf Stream? Todos nós o conhecemos do Atlas escolar: um gigantesco rio de água tépida que, procedente do golfo do México, cruza o Atlântico e vem banhar o nosso litoral. As águas sôbre-aquecidas pelo sol dos trópicos — diziam os sábios — conduzem no seu longo percurso o calor que minora os rigores do inverno na Europa ocidental. E assim se acreditou, durante muito tempo, que acontecia.

Há anos, quando a questão das dívidas de guerra opunha os Estados Unidos à Europa, um inventor norte-americano teve uma idéia grandiosa relacionada com o Gulf Stream. A Europa recusava-se a satisfazer os seus compromissos? Pois bem; os Estados Unidos aplicar-lhe-iam sanções. E uma dessas sanções consistiria em desviar o Gulf Stream. A França e a Inglaterra ficariam privadas dêsse sistema de calefação natural e as consequências seriam tam graves que só lhes restaria transigir.

Como poderia a idéia ser posta e prática? Em teoria nada mais fácil. No percurso que lhe era assinalado, o Gulf Stream passava entre a ilha de Cuba e a península da Florida. Neste ponto, relativamente estreito, o mar é pouco profundo e existe já o viaduto marítimo de Kay West. Alguns milhares de toneladas de cimento bastariam para cortar a passagem à corrente. Diz-se que o projecto em questão foi submetido ao Congresso norte-americano que, com um natural bom senso, se absteve de o pôr em prática.

Ora nos últimos anos, os sábios puseram em equação o problema do Gulf Stream. Existe realmente essa grande corrente marinha, durante tanto tempo considerada como uma verdade incontestável. Um exame mais profundo de questão suscitou a êste respeito grande número de dúvidas. Não se conheciam limites bem definidos ao Gulf Stream, ao contrário do que sempre se afir-

O «coração do Atlântico» contraído

mára. A observação demonstrou que a corrente de água quente vinda do Golfo do México se alastra até atingir 1500 quilómetros de largura e é detida pela corrente fria do Lavrador, pelo que nunca poderia chegar à Europa.

As minas espalhadas pelos submarinos alemães durante a guerra forneceram também a êste respeito interessantes pormenores. Em lugar de seguirem o caminho do Gulf Stream e de irem ter à Noruega vieram juntar-se próximo dos Açôres.

Tudo isto tendia a demonstrar que a celebrada corrente marinha não existia. Foi então que surgiu, apoiada em rigorosas observações oceanográficas, uma teoria surpreendente. Ao longo do Oceano, os estuários, e as regiões costeiras estão ocupadas por águas polares, frias e pouco salgadas, ao passo que no centro existe uma enorme massa flutuante de águas equatoriais, que se estende e contrai segundo a atracção planetária, inundando as costas da Europa com o seu fluxo tépido.

Este gigantesco balão de águas quentes pode ser considerado o «coração do Atlântico». As suas palpitações são regidas pelo sol e pelos planetas. Quando atinge o máximo da dilatação, banha as costas da Noruega e penetra mesmo dentro do mar do Norte. Os seus movimentos, embora muito complexos, podem ser calculados o que veio contribuir poderosamente para o progresso da previsão metereológica. Pormenor curioso: as águas do «coração do Atlântico», nunca se misturam com as águas polares que as cercam.

Outra conseqüência importantíssima desta descoberta consiste na orientação racional da pesca. Cada espécie de água têm os seus habitantes próprios. Assim, as águas polares são o domínio do arenque e do bacalhau, ao passo que no «coração do Atlântico» vive, vive, sobretudo, o atum. Estudando e prevendo as palpitações do oceano, os sábios podem orientar os pescadores para as paragens que lhes são mais convenientes proporcionando-lhe pescas abundantes.

Corte longitudinal do Atlântico

O último inverno foi excepcionalmente rigoroso na América do Norte. As cataratas do Niagara geladas ofereciam um aspecto feerico

O JUBILEU DE S. E. O CARDIAL PATRIARCA DE LISBOA

O sr. Cardial Patriarca de Lisboa, D. Manuel Gonçalves Cerejeira, comemorou no dia 23 do mês findo o vigésimo quinto aniversário da sua ordenação sacerdotal.

De manhã realizaram-se solenidades religiosas na igreja de S. Domingos, tendo o sr. Cardial Patriarca distribuído a comunhão a alguns milhares de crianças.

A' noite realizou-se na Sociedade de Geografia uma sessão solene em honra do sr. Cardial Patriarca. Assistiram o Chefe do Estado, o Presidente do Conselho, os ministros da Guerra, da Marinha, das Colónias, do Comércio, da Educação Nacional e da Agricultura. Proferiram notáveis discursos os ilustres poetas Eugénio de Castro e António Correia de Oliveira e o professor D. António Pereira Forjaz. Respondeu-lhes o sr. Cardial Patriarca num brilhante discurso que provocou aclamações entusiásticas. No final, o Chefe do Estado impôs ao eminente prelado a grã-cruz da Ordem de Sant'Iago.

A recepção no Paço Patriarcal. **Em baixo:** *O sr. Cardial Patriarca com o Chefe do Estado, Presidente do Conselho e membros do Govêrno, na Sociedade de Geografia*

D. Manuel Gonçalves Cerejeira na Sociedade de Geografia **Por baixo:** *Um aspecto da sessão*

Em baixo: *O sr. Cardial Patriarca presidindo às cerimónias na igreja de S. Domingos*

NOTÍCIAS DA QUINZENA

Dr. Antero de Figueiredo

Acaba de sair do prelo a 7.ª edição da «Leonor Teles — Flor de altura», do dr. Antero de Figueiredo, provando-se assim que os primeiros dez milhares foram ràpidamente absorvidos pelos muitos mil admiradores dêste escritor ilustre.

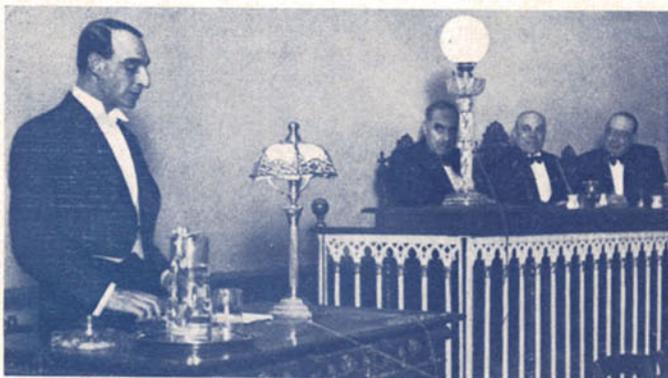
«Este livro — conforme o seu autor declara — é ainda como o seu «D. Pedro e D. Inês», *um trecho de história pôsto em arte*. Salienta ainda Antero de Figueiredo que «o passado é campo de estesia, pois êle ressurge com beleza, quando reconstituido pela imaginação colorida e emotiva, pelo estudo honesto, pela inteligência clara».

Foi assim que o ilustre escritor compôs o seu livro, após um escrupuloso estudo dos factos apurados nas velhas crónicas, e sempre adentro da verdade e da beleza.

Se êle próprio diz que «um poeta vê melhor um astro do que o vê um sábio!...

«O conde de Tarouca em Londres»

Eduardo Brazão acaba de publicar um livro com o título «O conde de Tarouca em Londres». Trata-se dum substancioso trabalho sôbre a missão diplomática de João Gomes da Silva entre 1709 e 1710, que contribue valiosamente para o estudo do reinado de D. João V. O autor explica-nos no prefácio que coligira êsses documentos para uma série de obras a publicar pela Imprensa da Universidade. A extinção dêsse prestimoso organismo fê-lo modificar os seus planos, mas não o impediu de apresentar em público o produto das suas investigações.

Uma conferência sôbre «O Próximo Oriente»

José de Ezaguy realizou no dia 18 do mês findo, na Sociedade de Geografia, uma notável conferência sob o título «O Próximo Oriente», em que se ocupou de Marrocos e da importante influência ali exercida pelos portugueses, em especial nos séculos XV e XVI. O seu trabalho foi muito aplaudido pelo público escolhido que o escutou.

Homenagem aos mortos da Guerra

Pierre Lyautey, escritor francês sobrinho do glorioso marechal a quem a França deve o seu Império africano, de passagem pelo nosso país em viagem de turismo, esteve no dia 22 no monumento aos Mortos da Grande Guerra onde depôs um ramo de flores. Ao acto assistiram várias individualidades, entre elas ex-combatentes.

5.º aniversário da República Espanhola

O 5.º aniversário da República Espanhola, que passou no dia 14 do mês findo, foi comemorado em Lisboa com entusiásmo pela numerosa colónia do país vizinho. O encarregado dos Negócios da Espanha, sr. Mariano Almoedo, ofereceu aos seus compatriotas uma recepção no palácio da Embaixada, que teve grande concorrência. Foi servida uma taça do Jerez, que serviu de pretexto a calorosos brindes. A gravura mostra um grupo de pessôas que concorreram à recepção.

Amélia Vilar

Amélia Vilar acrescentou à sua obra mais um livrinho minúsculo, todo êle delicadeza e graça. Chama-se, com singeleza, «Amores...» e compõe-se de quadras de bôa rima e acertada métrica, pela maior parte duma inspiração fácil. Lê-se num ápice e saboreia-se longamente, qualidade que distingue os bons livros dos outros. E é uma bela manifestação de sensibilidade feminina.

A 33.ª EXPOSIÇÃO DA SOCIEDADE NACIONAL DE BELAS ARTES

apresenta-se com larga concorrência de expositores, estando nelas representadas as diversas modalidades de pintura, a óleo, aguarela, pastel, têmpera, gravura, desenho e escultura, num total de 341 trabalhos

Aspecto da inauguração da Exposição pelo Chefe do Estado

Retrato do engenheiro Sebastião Ramires, por João Reis

ÊSTE ano a exposição da Sociedade Nacional de Belas Artes apresenta-nos uma concorrência excepcional. São 341 trabalhos ao todo, entre pinturas a óleo, aguarelas, pastéis, têmperas, gravuras desenhos e esculturas. Vê-se por aqui que o critério do júri de admissão foi bastante largo, o que, tendo inconvenientes, tem também vantagens.

Desta abundância há uma conclusão a tirar: é a da vitalidade dos nossos meios artísticos. Num país onde a arte é para os seus próprios criadores um luxo caro, que raro compensa o esfôrço dispendido, a circunstâncias de se reunir um tão elevado número de concorrentes, prova que os nossos artistas não desanimam na luta contra as condições desfavoráveis que se lhes oferecem.

Outra conclusão da ordem geral que o conjunto da exposição nos impõe e a ausência de revelações. Nestes três centos de trabalhos pouco ou nada de novo se nos depara. Os consagrados seguem fermemente o seu caminho. Os novos apresentam-se com prudências, quási todos preferindo a sombra amiga dum mestre à glória incerta de irritar o burguês. Os defensores duma estética nova chamam a isto estagnação; os outros, um sensato comedimento. Por nossa parte tomaremos uma modesta posição entre os dois extremos. Sem desdenharmos o academismo inteligente e elevado, só podemos ver com simpatia as manifestações da verdadeira arte moderna.

Dito isto, entraremos nos pormenores. Mas notemos desde já que as referências aqui feitas não têm carácter de relecção, antes representam impressões duma visita ao salão da rua Barata Salgueiro.

A pintura a óleo é, como sempre, a que reune maior número de expositores. Avulta entre êles, pelo merecido lugar de destaque que lhe foi dado, Eduardo Malta que apresenta quatro dos seus admiráveis retratos, manifestações brilhantes duma técnica segura, que sabe evitar o perigo da reprodução exacta e dar passagem ao temperamento interpretativo do artista.

David de Melo expõe uma única tela que intitulou "De volta do trabalho". E' um quadro que revela longa experiência

A' esquerda: *Busto de Margarida Leite Faria por Isabel Gentil.* A' direita: *Feira da Murgeira em Mafra por Alfredo de Morais*

e profundos conhecimentos numa escola que não envelhece.

Ezequiel Pereira, que obteve a 1.ª medalha para o seu quadro "Aldeia de Moledo», apresenta outros trabalhos, entre os quais "Pedrosas» e "Impressões», que foram adquiridas pelo Estado.

António Saúde trouxe à exposição três telas, tôdas no seu género característico, em que predomina a paixão de reproduzir os efeitos variados da água corrente.

João Reis tem um excelente retrato e quatro aspectos do Tejo, de agradável aspecto.

Mário Reis obteve para o seu quadro "Natureza morta», uma 2.ª medalha que merecia inteiramente. Simone Tiersonnier Maria de Loureiro expõe um "Retrato de M.me M. A. Basto» e "Reflexo» ambos de boa factura, em especial o primeiro.

Dos cinco trabalhos de Fausto Gonçalves destacaremos "Alpendre Beirão», que obteve a 3.ª Medalha.

Aires de Carvalho tem uma tela que se impõe à nossa atenção: Orfés», a que o júri atribuiu Menção Honrosa. Discípulo de Veloso Salgado e Varela Aldemira, acusa bem nitidamente a benéfica influência dos dois grandes mestres.

Albino Cunha especializa-se em interiores. As suas "Sala Saxe» e "Sala Azul» do Palácio da Ajuda, são verdadeiras maravilhas de exactidão e minúcia. O último dêles foi adquirido pelo Estado.

Portela Júnior tem quatro telas cheias de vigor, acusando um desenho poderoso. "Maternidade» é a melhor. "Tipos rústicos» acusa falta de movimento.

A necessidade de não alongar indefinidamente esta resenha obriga-nos a citar sem comentários os restantes expositores de pintura a óleo: Fortunato Anjos, Maria Luiza Soares de Albergaria Ataíde, Frederico Aires, Mário Augusto, José Samora Barros, Regina Bensaúde Branco, Alípio Brandão, José Basalisa, José Campos, Raul Carapinha, Abel Cardoso, Maria de Lourdes de Melo e Castro, José Contente, Lauro Corado, Albino Armando Costa, António da Costa, Joaquim Costa, Louis Eugène Dumont, Francisco Romano Esteves, Manuel Faria, Graziela da Cunha Ferreira, Teodósio Alexandre Ferreira, Magalhães Filho, Arabela de Sant'Iago e Figueiredo, João Garcia da Fonseca, Frederico George, Pedro Guedes, Albertino Guimarães, João Baptista ...nior, Maria Eduarda Lapa, José Leite, Joaquim ...pes, Bonifácio Lazaro, Armando Lucena, Rai...ndo da Silva Machado Luz, José Serra da ...ta, Beatriz Pais, José Joaquim Ramos, Maria ...iza Reis, José Ribeiro, Eduardo Roméro, Evelgn ...M. Ruffer, José Veloso Salgado, José Dias, ...da Machado Santos, Fernando dos Santos, Lu...no dos Santos, Regina Santos, Constancio da ...va, José de Almeida e Silva, Luís Salvador ...rques da Silva Júnior, Maria Gago da Silva, ...ncisco Cipriano Sousa, Luiza Carreira To...z, João Pedro Veiga, Maria Emília de Bar...sa Viana e Túlio Vitorino.

«Retrato» por D. Maria de Lourdes Melo e Castro

Fim de Festa por Henrique Tavares

Busto do dr. Trindade Coelho, por Salvador Barata

■

Com uma representação menos numerosa, a ...arela ocupa, no entanto, um lugar de honra ...exposição. Citaremos os trabalhos de Alfredo ...Morais, que o juri distinguiu com a medalha ...Honra: "Retrato», "Feira da Murgeira, e Mafra», "Para a pesca», "Homem do mar» e "Cigana», todos dum colorido subtilmente doseado.

João Baptista Hermano obteve a 1.ª medalha com o seu trabalho "Avozinha», o melhor dos cinco que expôs, e que merecem todos ser vistos com atenção. Uma 2.ª medalha coube a Mário Costa pela sua "Paisagem Saloia», outra a João Jorge Malticeira, por "Capela do Colegio» (Viseu) e outra ainda a Carlos pelas "Berlengas»

Muitos outros trabalhos haveria a mencionar entre os não distinguidos pelo juri. Limitar-nos-emos, porém, a registar o nome dos restantes expositores de aguarelas, que são: Portocarrero de Auseveil Albano, Numédio Bessone Borges de Medeiros Amorim, Berta Borges, Regina Bensaúde, Carlos Carneiro, Gabriel Constante, Pedro Guedes, Enid Mitebell, Fernando Espírito Santo Oliveira, Evelyn Pierre, Signa Osório Teixeira Rebelo, João Rosa Rodrigues, Eduardo Romero, José Dias Sanches e Alfredo Carlos da Rocha Vieira.

■

A secção do pastel reune apenas seis expositores dos quais só um apresenta dois trabalhos. São êles: Alfredo António de Azevedo, Joaquim Costa, Berta Borges, Evelyn Pierce, Maria Eduarda Lapa e Joaquim dos Santos: O primeiro dêstes é, a nosso vêr, o melhor e assim o entendeu o juri que conferiu uma 2.ª medalha ao seu trabalho intitulado "Um mau mestre».

Em têmpera o número de trabalhos apresentados é mais ruduzido ainda: cinco apenas divididos por três expositores que são: Eugène Colson, Pedro Guedes e Manuel Lapa.

A gravura também parece tentar poucos artistas, talvez por virtude das muitas dificuldades técnicas que lhe são inherentes. Somam apenas seis os exemplares expostos. Luís de Ortigão Burnay, ocupa de justiça o primeiro lugar com as suas três águas-fortes estampadas a côres, uma das quais "Praça da Ribeira-antiga (Pôrto)», obteve uma 1.ª medalha. José Contente teve uma 2.ª medalha com "Conceição Velha (fachada». E Izabel Beatrice Mesham apresentam-nos um curioso trabalho intitulado "The old Arsenal».

■

Os desenhos ocupam uma sala do pavimento superior. Estão ali representados por trabalhos diversos: João Augusto, Alfredo António de Azevedo, Albano Postocarrero de Almeida, Alvaro Duarte de Almeida, Raul Carapinha, José Contente, Mário Costa, Albino Cunha, Francisco Romano Esteves, João Garcia da Fonseca, Manuel Lima, Pedro Jorge Pinto, Joaquim Porfírio, José Ribeiro, Mário Soares, Anjos Teixeira Filho e Celestino Tocha. Arnaldo Ressano expõe uma das suas inconfundiveis caricaturas em que representa mestre Júlio Vaz Júnior.

O Estado adquiriu nesta secção uma "Paisagem» de Alvaro Duarte de Almeida, José Contente, Raul Carapinha e Joaquim Porfírio receberam 2.as medalhas.

■

A representação da cultura foi também muito mais numerosa do que habitualmente. Além dos citados, expõem nesta secção Paulo Bensliman, Joaquim Martins Correia, Francisco Xavier de Viveiros Costa, José da Fonseca, João Fragoso, Maria Isabel Gentil, Rebelo Júnior, Delfim Maia, Armando Carvalho Mesquita, Manuel de Oliveira, Irene Silva Pereira, Jorge da Silva Pinto, João da Silva, Anjos Teixeira Filho, Celestino Tocha e Raul Xavier.

Por cima: «Antiguidades» por Mário Reis. A' esq.: «Vendedeira de frutas» por Alda Machado Santos

As Azenhas do Rato (Pedrógão Grande) por António Saude. A' esq.: «Maternidade» por Portela Junior

Retrato do Padre Cruz por Romano Esteves

A SEDUÇÃO DO PERIGO

MOTIVO DETERMINANTE DE ACTOS DE HEROISMO

A aventura e o seu companheiro natural, o perigo, exerceram em tôdas as épocas uma sedução poderosa sôbre o Homem. Este sentimento de atracção por tudo o que envolve risco é mesmo uma característica específica do género humano. Nenhum outro animal procura deliberadamente o perigo, nenhum outro colhe prazer nas emoções que êle provoca.

Tanto quanto nos é possível avaliá-lo, os nossos irmãos irracionais ignoram o sabor da aventura. Só a necessidade, um objectivo bem fixo e determinado os leva a arriscarem-se. As passo que o homem aprecia o perigo pelo perigo, sem outra finalidade ou vantagem tangível.

E' em busca das emoções que o perigo provoca que tantos homens cruzam o interior das florestas virgens. Das suas viagens resultam incontestáveis benefícios; mas não é isso que os norteia — é a ânsia de aventuras. Há tempo a revista norte-americana «Boys Life» organizou um concurso entre os seus jovens leitores para escolher três que acompanhassem o explorador Martin Johnson numa caçada aos leões em Africa. Cem mil rapazes concorreram, animados do desejo de viver essa bela aventura.

A caça às grandes feras liga-se intimamente à exploração das regiões selvagens. O homem vai surpreender no seu antro os perigosos carnívoros, mesmo quando êles nenhum dano lhe poderiam causar, só para ter o prazer de jogar a vida entre a perícia da sua carabina e a ferocidade do animal.

Outras vezes o perigo reveste a forma de tribus primitivas, entre os quais o explorador se aventura. A lista dos que assim foram vítimas da sua audácia é intérmina. Recorde-se êsse jovem francês de 26 anos, Michel Vieuchange, que pagou com a vida a sua ambição de ser o primeiro a penetrar em Smara, cidade sagrada do Rio do Ouro, onde a entrada dum homem de raça diferente é punida com a morte. E o alpinismo? Não é a êste respeito um exemplo frisante? Muitas vezes uma ascensão difícil desfecha em tragédia. Um passo em falso precipita o escalador no abismo. A contemplação dos horizontes vastos não bastaria para explicar a obstinação em correr o perigo. Há que procurar as verdadeiras causas nesse sentimento que leva o homem a jogar a própria vida.

Não terminariamos tão depressa se pretendessemos citar todas as manifestações da sedução exercida pelo perigo. A aviação, por exemplo, é toda ela uma história de aventuras. Os grandes «raids» são, na maior parte dos casos, desafios lançados ao Destino. Enganam-se os que supõem que a ambição da glória é o principal motivo determinante dessas iniciativas arrojadas. A sêde de aventuras é o que mais fascina os espíritos ardorosos dos que as empreendem.

O coronel Lawrence, famoso agente secreto inglês na Arabia. A' esquerda: Uma largada em pára-quedas

Já que falamos de aviação façamos referência ao salto em pára-quedas. Há quem o pratique como um desporto, apenas pela emoção de se sentir despenhar no espaço de centenas, milhares de metros de altura; ou para acrescentar uma unidade ao número das suas descidas. Mas para que a aventura tenha sabor é preciso que a margem de segurança seja reduzida. E então há os que se lançam no espaço de alturas vertiginosas, sete ou oito mil metros; e os que retardam a abertura do pára-quedas até poucas centenas de metros do solo.

Depois há os casos individuais, bem característicos. Esse Alain Gerbault, por exemplo, que percorre sòzinho mares e oceânos a bordo do seu frágil veleiro, sem outro objectivo que não seja o de ver mundo pela mais perigosa das formas. Ou o do famoso coronel Lawrence que pôs a sua paixão de aventuras ao serviço dos desígnios imperiais de Inglaterra e que durante anos viveu a mais estranha existência entre os povos da Arábia.

A lista completa seria longa. E satisfaz-nos a certeza de que nela figurariam, em lugar de destaque, muitos nomes portugueses. Porque entre os povos que a ânsia de aventuras empolgou Portugal ocupa, de direito um dos primeiros, se não o primeiro lugar pelos muitos feitos heróicos dos seus filhos.

As excursões no deserto, motivo de nostálgicas evocações para quem um dia as realizou

QUINZENA DESPORTIVA

Filipe de Melo, cortando a meta vencedor, no momento em que, poucos metros atrás, cai Martins de Aguiar, que o seguia na embalagem

Por tôda a Europa latina, que é aquela onde a modalidade gosa maior divulgação, se iniciou com grande entusiasmo a temporada do ciclimo em estrada.

A França e a Itália fôram as primeiras a organizar provas, a Bélgica, a Espanha e, por último, Portugal seguiram o exemplo; em qualquer dêstes países o entusiasmo popular mostrou o mesmo ardor, o engôdo dos corredores pela vitória valorizou as competições, dando-lhes um interêsse de bom augurio.

Nas corridas inaugurais da época francêsa, a rivalidade entre francêses e belgas manifesta-se encarniçadamente e se os primeiros alcançaram as vitórias, Archambaud em Paris-Nice, Speicher em Paris-Roubaix, os segundos mostraram superioridade geral, classificando-se em bloco nos postos de honra.

A inauguração da temporada italiana foi trágica; Milão-San Remo ficou assinalada por abundantes quedas, das quais resultou a morte do corredor Guelfi e a inutilização do ex-campeão do mundo Binda, que fracturou uma coxa.

O novo regime de provas adoptado em Itália, abolindo o servilismo dos componentes de cada equipe ao seu chefe de fila, satisfez tôda a crítica e deu à corrida o seu verdadeiro significativo desportivo, igualando as probabilidades de todos os competidores. Da prova saíram-se os novos com vantagem, desmentindo todos os prognósticos e relegando para plano secundário a falange dos campões consagrados.

Na nação visinha, as corridas seguem-se sem interrupção de semana para semana; de norte ao sul, de leste a oeste, os ciclistas percorrem em jornadas sucessivas as estradas do país, alcançando por tôda a parte o mesmo êxito de curiosidade popular. As figuras mais destacadas das provas já realizadas, são dois novos que não haviam conseguido impôr-se nas épocas anteriores: Berrendero e Carretero.

Na corrida Tarragona-Barcelona-Madrid, o catalão Cañard, que é homem de maior classe do ciclismo espanhol, foi vítima duma grave queda, que o deixou bastante ferido e inutilizado, por algum tempo.

Entre nós, os novos começaram bem; a corrida dos cincoenta quilómetros, que serviu de abertura à época, foi por êles disputada com decisão conseguindo o record, apezar das péssimas condições atmosféricas em que a prova decorreu.

O ciclismo é, actualmente, um dos desportos que maior popularidade frui em Portugal, e cujos progressos são evidentes. Os clubes principais de Lisboa dedicam-lhe um interêsse produtivo, cujos beneficios recebem na propaganda eficaz realizada pelos seus representantes precorrendo as estradas de norte a sul do território português.

Pensa-se em trazer êste ano a Portugal alguns especialistas estrangeiros, provavelmente espanhois; oxalá tais projectos encontrem realização, pois assim teriamos valorizada a época corrente e poderiamos, também, ajuizar com elementos seguros a classe relativa dos nossos melhores homens.

■

Estamos ainda a três meses dos Jogos Olímpicos de Berlim e anda já em assunto do dia qual será o país encarregado da organização dos jogos de 1940.

Era a Itália a nação favorita, mas as complicações internacionais derivadas da guerra da Abissínia mudaram e ambiente e vieram favorecer outras candidaturas, entre as quais se destaca a do Japão, que comemorará nêsse ano o milenário da sua independência.

Convidado pelos poderes oficiais, o conde de Baillet-Latour, presidente do Comité Internacional, visitou o pais do Mikado, onde foi alvo das maiores atenções.

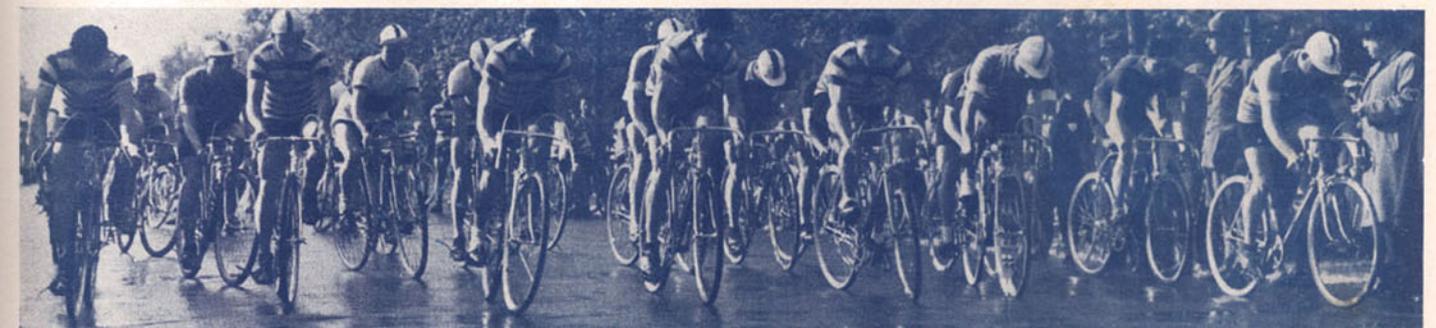
A impressão colhida pelo ilustre viajante parece francamente favoravel; entrevistado pelo correspondente dum jornal desportivo francês, declarou: – "O Japão têm a felicidade de conservar um autêntico espírito desportivo; a criança aproveita, dêsde a escola, os benefícios duma educação física aplicada com método e, graças a êste sistema educativo existe no povo o sentimento do olímpismo. Não se encontra no Japão nenhuma das dificuldades resultantes, na Europa do falso amadorismo. O atleta japonês quando treina, fá-lo conscientemente, e os estudantes consagram ao desporto as horas vagas e as férias. O desporto é praticado por amor ao desporto, alheando qualquer espírito de lucro».

O problema das instalações necessárias ao decorrer dos jogos está desde já resolvido. O Estádio do parque Meiji, em Tóquio, onde é possível praticar o rugby, o football e o atletismo, comporta 30.000 logares, com a faculdade de ampliação das tribunas para o triplo da capacidade. Na piscina anexa, onde anualmente se realiza o encontro Estados Unidos-Japão, cabem também 30.000 espectadores, espalhados em bancadas donde a visibilidade é perfeita.

Se os jogos fôrem concedidos ao Japão, construir-se-á uma arena coberta, para as competições de "box», luta, esgrima, etc., e uma pista para ciclismo, de que não existe no país um único exemplar.

Salazar Carreira.

A partida dos corredores para a prova da abertura da época ciclista

VIDA ELEGANTE

A sr.ª D. Maria Tereza Henriques de Lancastre (Alcáçovas) e o sr. George de Sousa e Castro Black, por ocasião do seu casamento realizado na capela do Palácio dos pais da noiva, srs. condes das Alcáçovas, na rua Eugenio dos Santos

(Foto Melo)

Festas de caridade

Chá dansante

Com uma enorme e selecta concorrência, realizou-se na tarde de segunda-feira 27 de abril passado, nos salões do «Automóvel Clube de Portugal, gentilmente cedidos pela direcção um «chá dansante» de caridade, organizado por uma comissão de senhoras da nossa primeira sociedade de que faziam parte as seguintes: D. Arcelina Valente Moreira, Baroneza de Hybouville, D. Carmen Burnay de Vilhena, Condessa de Carróbio, D. Emília de Melo Osório (Proença-a-Velha), D. Francisca da Câmara Pinto Bastos, D. Josefina Morales de los Rios Fróes, D. Margarida Mendes de Almeida Belo Ramos, D. Maria Eugénia Barbosa de Guimarães Serôdio, D. Maria Eugénia Corrêa de Sampaio de Castro Pereira, D. Maria Izabel de Castro Pereira de Arriaga e Cunha, D. Maria Justina Santos, D. Maria Luíza Ribeiro da Silva Infante da Câmara, D. Maria Tereza de Lima Mayer de Magalhães, Marqueza de Faial e D. Tereza de Melo Breyner Pinto da Cunha. Houve também uns salões reservados para partidas de «Mahjong», «Bridge» e «Bluff».

A comissão organizadora deve ter ficado plenamente satisfeita com os resultados obtidos tanto financeiro, como mundano.

Casamentos

Presidido pelo coadjutor da freguezia, que no fim da missa fez uma brilhante alocução, realisou-se na paroquial dos Anjos, o casamento da sr.ª D. Maria Augusta Figueira, interessante filha da sr.ª D. Alice Figueira de Noronha e do senhor Jorge de Noronha, com o sr. Manuel Sobreira, filho da sr.ª D. Maria Sobreira e do senhor Manuel Sobreira, tendo servido de madrinhas a mãi da noiva e a sr.ª D. Rosa da Conceição Sobreira, e de padrinhos o pai da noiva e o irmão do noivo sr. Joaquim Sobreira.

Finda a cerimónia foi servido na elegante residência dos pais da noiva um finíssimo lanche, partindo os noivos a quem foram oferecidas grande número de valiosas prendas para Castelo Branco, onde foram passar a lua de mel.

— Pela sr.ª D. Angelina Braga, esposa, do senhor Alberto Braga, foi pedida em casamento para seu filho e enteado, sr. Américo Pinto Brandão, a sr.ª D. Angelina Frides Lobão, gentil filha da sr.ª D. Eduarda Frides Lobão e do senhor António Pinto Lobão.

A cerimónia deverá realizar-se brevemente.

— Realisou-se na paroquial do Coração de Jesus, o casamento da sr.ª D. Lídia de Castro Manso Preto, gentil filha da sr.ª D. Amelina Augusta Faria Manso Preto e do capitão sr. Manuel de Castro Manso Preto, com o sr. dr. Clarimundo Guedes Emílio, filho da sr.ª D. Laura Guedes Emílio e do sr. dr. Clarimundo Vitor Emílio, tendo servido de padrinhos os pais dos noivos, presidindo ao acto o reverendo dr. Lopes Cardoso, que no fim da missa fez uma brilhante alocução.

Finda a cerimónia foi servido um finíssimo lanche seguindo os noivos, a quem foram oferecidas grande número de artísticas prendas, para o Estoril, onde foram passar a lua de mel.

— Na paroquial de Santa Justa e Rufina, realisou-se o casamento da sr.ª D. Dulce dos Santos Tavares, interessante filha da sr.ª D. Laura Augusta dos Santos Tavares e do sr. João Tavares, com o sr. Carlos João Caldeira, filho da sr.ª D. Maria do Pranto Caldeira e do sr. José Fernandes Caldeira, servindo de madrinhas as sr.as D. Balbina do Carmo Rodrigues da Costa Gomes e D. Ana Augusta dos Santos e de padrinhos os srs. Luiz Antunes Lopes e João Luiz Branco, presidindo ao acto o reverendo prior da freguezia, que no fim da missa fez uma brilhante alocução. Sua Santidade dignou-se enviar aos noivos a sua benção.

Terminada a cerimónia foi servida na elegante residência dos pais da noiva, um finíssimo lanche, partindo os noivos, a quem foram oferecidos grande número de valiosas prendas, para o Estoril, onde foram passar a lua de mel.

— Com muita intimidade, realizou-se o casamento da sr.ª D. Cristina Mayer Jorge dos Reis, gentil filha da sr.ª D. Leonarda Mayer Jorge dos Reis e do sr. António dos Reis, com o sr. Rui Adriano Biscaia Filipe de Jesus, filho da senhora D. Maria Jesida Biscaia de Jesus e do sr António Filipe de Jesus, já falecido, tendo servido de madrinhas a sr.ª D. Cristina Mayer Jorge e a mãi do noivo e de padrinhos os senhores Francisco Mayer Jorge e Armindo Filipe de Jesus.

Acabada a cerimónia foi servido na elegante residência dos pais da noiva, um finíssimo lanche, recebendo os noivos um grande número de artísticas prendas.

— Realizou-se na parochial dos Anjos, presidindo ao acto o reverendo Vicente Esteves, que no fim da missa fez uma brilhante alocução, o casamento da sr.ª D. Clélia Celeste Cordeiro Malato, gentil filha da sr.ª D. Mariana Júlia Cordeiro Malato e do sr. José Maria Malato, com o sr. Bartolomeu Crespo Amador, filho da senhora D. Maria do Patrocínio Crespo Amador e do sr. João Amador, tendo servido de madrinhas as sr.as D. Antónia Benedita Garcia de Andrade, tia da noiva e D. Adelaide Rosa Crespo, tia do noivo e de padrinhos os srs dr. João Izidro Cordeiro Malato, irmão da noiva e João de Brito Palma, que se fez representar pelo sr. José Luciano Ganhão Teixeira.

Finda a cerimónia foi servido um finíssimo lanche, na elegante residência dos pais da noiva, recebendo os noivos um grande número de valiosas prendas.

Nascimentos

Na Casa de Saúde de Benfica, teve o seu bom sucesso, a sr.ª D. Maria Manuela Anjos da Costa Macedo, esposa, do sr. Costa Macedo, sendo assistida pelo distinto cirurgião senhor dr. Henrique Meleiro de Sousa.

Mãi e filha encontram-se felizmente bem.

— A sr.ª D. Cristina Soares de Oliveira de Ayalla Botto, esposa do nosso camarada do «Diário da Manhã» sr. José Ayalla Botto, e filha do sr. general Domingos de Oliveira, Governador Militar de Lisboa, teve o seu bom sucesso.

Mãi e filha estão de perfeita saúde.

— No Porto, teve o seu bom sucesso a senhora D. Maria Izabel Alves Machado Guedes da Silva Fonseca, esposa, do sr. Fernado Van-Zeller Guedes da Silva Fonseca (Pangim).

Mãi e filha encontram-se felizmente bem.

Baptisados

Realizou se na igreja italiana da Nossa Senhora do Loreto, o baptisado do menino Ruggere, interessante filhinho da sr.ª D. Olga Coffino Rizzetti e do distincto engenheiro sr. Italo Rizzetti, servindo de madrinha a sr.ª D. Joana Coffino e de padrinho o capitão sr. Jorge Cezar Oom.

D. Nuno.

Casamento da sr.ª D. Maria Carmen de La Luz Gonzalez Rey com o sr. dr. Nelson Correia de Magalhães Figueiredo. Os noivos e convidados à saída da igreja

Actualidades internacionais

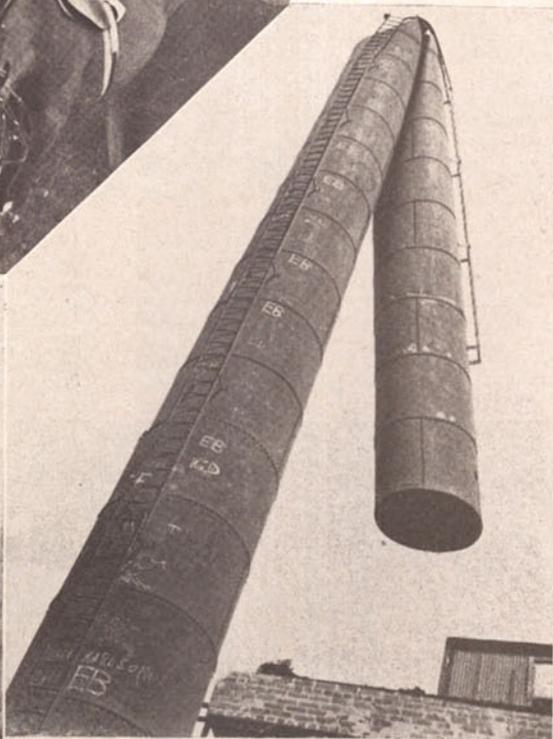
VAI ser removida a Tôrre Eiffel? Depois da questão ter sido várias vezes debatida, a nossa gravura poderia dar a entender que tinha começado um ciclópico trabalho para retirar êsse sinal característico de Paris. Mas, tranquilize-se o leitor. Trata-se apenas duma ilusão de óptica focada por um reporter engenhoso.

■

A última nota dominante na grave crise política que a Espanha atravessa foi dada pela greve geral de 24 horas organizada por elementos da «Frente Popular». A venda dos jornais das Direitas foi impedida pelos grevistas. Os exemplares foram arrancados aos distribuidores e rasgados pelas ruas. A gravura acima mostra o pitoresco aspecto duma das artérias da capital madrilena com o chão coalhado de pedaços de jornais. Se após o temporal vem a bonança, quando raiará o sol em Espanha?

■

CALCULE-SE a surpresa dos habitantes duma cidade norte-americana quando viram a chaminé metálica duma das suas fábricas dobrada pelo vento como se dum frágil brinquedo.

AS quedas nas corridas de cavalos são frequentes. Mas raras vezes a objectiva dos fotógrafos surpreende um acidente dêsse género de modo tão flagrante como na gravura da direita. A película fixou o «jockey» projectado no espaço após um salto desastroso. Ora aqui está uma graça, a que o caído não deveria ter achado graça nenhuma.

NO consenso geral, os dias do Império etíope estão contados. As tropas italianas penetram cada vez mais profundamente no coração do país e aproximam-se a todo o momento de Adis-Abeba, onde o Negus procura opor-lhes a suprema resistência. A gravura da esquerda mostra uma fase do avanço italiano, protegido pelo fumo das cubatas incendiadas. É certo que, às vezes, as energias duma raça operam o milagre da sua redenção. Quem pode sondar o futuro?

A ASSEMBLEIA DA PRIMAVERA

dos delegados da Associação Internacional dos Automóveis Clubes Reconhecidos

Reuniu em Lisboa nos dias 14 e 15 do corrente a «Assembleia da Primavera» da Associação dos Automóveis Clubes Reconhecidos com a representação da Alemanha, Austria, Bélgica, Checo-Eslováquia, Espanha, Estados Unidos da América do Norte, França, Holanda, Hungria, Inglaterra, Luxemburgo, Noruega, Portugal, Suécia e Suiça, e também da Sociedade das Nações e da Federação Internacional dos Clubs Motociclistas.

Da ordem dos trabalhos faziam parte numerosas questões de grande interêsse que foram largamente debatidas, tendo-se aprovado resoluções de grande importância para os automobilistas.

Antes da abertura das sessões o Automóvel Club de Portugal proporcionou aos membros da assembleia um passeio ao triângulo de turismo Sintra-Cascais-Estoril. Os visitantes estiveram no castelo da Pena e almoçaram no Palácio Nacional. Dirigiram-se depois à Boca do Inferno e dali ao Casino Estoril, onde lhe foi oferecido um chá.

A encerrar os trabalhos, foi oferecido no dia 15 aos congressistas um banquete que se realizou no Casino Estoril sob a presidência do sr. ministro das Obras Públicas e Comunicações. Os convivas eram em número de 150, vendo-se entre êles os representantes diplomáticos dos países que tomam parte na reünião dos Automóveis Clubs.

Ao banquete seguiu-se um baile que decorreu com invulgar animação, podendo afirmar-se que foi um dos mais brilhantes que se têm realizado nos últimos tempos no nosso país.

Os delegados estrangeiros estiveram no dia 15 no Palácio de Belém, onde foram recebidos pelo Chefe do Estado. No dia imediato realizou-se um passeio fluvial no Tejo a bordo duma embarcação cedida pela Parçaria dos Vapores Lisbonenses.

Os visitantes partiram no dia 17 a caminho de Sevilha, Gibraltar e Roma, onde a convite de Mussolini se ultimarão os trabalhos da assembleia. Apesar do tempo se ter mostrado pouco propício, desmentindo a tradicional doçura do nosso clima, todos se mostraram encantados com as belezas naturais de Portugal.

A sessão de encerramento. **A' esquerda:** *Os delegados com o Presidente da República*

A' direita: *O almôço no Palácio Nacional em Sintra.* **Em baixo:** *Dois aspectos do baile oferecido pelo A. C. P. no Casino Estoril*

Festas de confraternização escolar e de beneficência

Antigos alunos da «E'cole Française»

Um grupo de antigos alunos da «E'cole Française de Lisbonne» promoveu no dia 19 do mês findo um jantar de confraternização que teve elevado número de convivas.

Presidiu o sr. Pierre Delpent e assistiram como convidados os srs. R. Warnier, presidente do Instituto Francês em Portugal, que representava o sr. ministro da França; Pourverelle, director da «E'cole Française», e L. Duloube, presidente da Câmara de Comércio Francesa.

Terminado o jantar, dirigiram-se todos os convivas, entre os quais se viam algumas senhoras, para o «Foyer des Anciens Combattants Belges et Français», em cujos salões se realizou um baile, seguido de vários números de variedades pelos antigos alunos.

A gravura da direita mostra um aspecto do banquete, que decorreu num espírito da mais íntima confraternização, tendo-se trocado brindes afectuosos, em que foram postas em relêvo as excelentes recordações que ligam entre si todos os antigos alunos da «E'cole Française».

A favor da Associação Protectora das Escolas para Crianças Pobres

No Asilo de S. Luiz realizou-se nos dias 15, 16, 18, 19 e 26 do mês findo uma encantadora festa, cujo produto se destinou à Associação Protectora das Escolas para Crianças Pobres, benemérita organização que estende os seus benefícios a mais de mil crianças no distrito da capital. A festa teve o alto patrocínio do sr. ministro da França em Lisboa e de madame Amé-Le-Roy. O programa constou da representação da comédia em 3 actos «Chanteuse de rue», de Gabrielle Bossis. A interpretação, a cargo dum grupo de senhoras e crianças de sociedade, agradou sem reservas e foi motivo de fartos aplausos.

A segunda parte do espectáculo era constituída por «Le Ballet des Saisons», organizado e interpretado pela professora do Conservatório, sr.ª D. Encarnacion Fernandez, e executado por um gentil grupo de meninas. Fizeram o acompanhamento musical, as senhoras D. Maria de Lourdes Rangel Baptista Mendes, ao piano e Paulette Beurrier, em violino. No intervalo foram apresentadas duas alunas da sr.ª D. Encarnacion Fernandez, as meninas Maria Helena Taillet Alves, de 5 anos, e Maria Helena Miranda, de 13, primeiro prémio do Conservatório, que dançaram admiràvelmente o «Momento Musical» de Schubert e a «Morte do Cisne» de Sans Saens.

Baile anual dos estudantes do Instituto Comercial

Nos salões do Grémio Lírico Português realizou-se no dia 4 do mês findo o baile que os estudantes do Instituto Comercial de Lisboa, costumam promover anualmente. A festa foi concorridíssima, tendo marcado pelo seu carácter de elegância. A parte musical esteve a cargo duma orquestra dirigida por Almeida Cruz, cujo excelente programa foi rádio-difundido pela Emissora Nacional. Todos os que assistiram ao animado baile trouxeram dêle as melhores recordações.

SHAKESPEARE

é o autor das obras que se lhe atribuem?

A autoria dos dramas atribuídos a Shakespeare têm sido freqùentes vezes posta em dúvida. Numerosos investigadores que ao assunto se têm dedicado julgam ter motivo para afirmar que o famoso dramaturgo se limitou a assinar peças que alguem escrevia. Na actualidade são sete os pretendentes à glória de Shakespeare: Francis Bacon, estadista e filósofo; o sexto conde do Derby; o conde Rutland; sir Walter Raleigh, marinheiro e historiador; Christopher Marlowe, autor dramático cuja influência nas obras de Shakespeare parece não oferecer dúvida; uma mulher misteriosa conhecida pelo pseudonimo do «O dôce cisne do Avon»; e finalmente Eduardo de Verve, 17.º conde de Oxford. Este último parece ser o que reune maior número de partidários. Nos últimos cinco anos publicaram-se mais de 40 livros tendentes a demonstrar que foi êle na realidade o autor dessa série de obras dramáticas que ainda hoje enchem de admiração o mundo.

Em boa verdade, os argumentos invocados pró e contra são bem frágeis. Mas na existência de Shakespeare há um conjunto de circunstâncias perturbantes que que justificam a dúvida. O que se conhece sôbre a sua biografia dá-nos do homem uma imagem por tal modo diversa do que se poderia supôr que nos é lícito preguntar se êle será de facto o autor dessas obras magníficas, em que se manifeste a filosofia mais elevada e o mais íntimo conhecimento da psicologia.

Vejamos alguma cousa do que sabe àcerca da vida de Shakespeare.

Seus pais pertenciam à classe média. Tendo casado com certo desafogo, começaram a lutar com dificuldades à medida que a família aumentava com novos filhos.

O pai John Shakespur, embora carecesse em absoluto de cultura, exerceu cargos importantes na pequena povoação de Stratford, onde viviam.

Wiliam, que era o filho mais velho, teve nestas condições do começar a ganhar a vida muito cêdo. Parece que foi empregado num talho. Aos 18 anos casou-se. Seis mezes depois, a mulher deu à luz a pequena Suzana. Em Fevereiro de 1585 teve dois gémeos. E' fóra de dúvida que os recursos do que dispunha o jovem Wiliam eram muito escassos, apesar do pequeno dote que a mulher lhe trouxera. Antes de atingir a maioridade tinha já de sustentar a mulher e três filhos.

Poucos anos depois Wiliam estava em Londres. Pretendem uns que fugiu de Stratford para escapar à acusação de caçar furtivamente que pesava sôbre êle. Outros julgam que foi contratado por uma companhia de cómicos ambulantes. O certo é que na capital se in-

Shakespeare

troduziu nos circulos teatrais. Em 1589, êsse províinciano de 25 anos era não só um dos actores regularmente pagos da Companhia dos Cómicos da Raínha, como tambem o 16.º dos acionistas do teatro de Blackfriars.

Como obteve êle o dinheiro para chegar a esta situação? É um caso que não está esclarecido. Não foi decerto pelo seu salário de actor, porque nunca foi um profissional de mérito. Nem tão pouco como autor, pois naquela época não se cobravam direitos e além disso, segundo os seus mais eminentes biógrafos, em 1589 ainda êle não escrevera mais de duas ou três das suas obras imortais.

Seja como fôr, o certo é que a fortuna de Shakespere aumentou de fórma fabulosa. Em 1597 comprou por 60 libras esterlinas o melhor edifício que existia em Stratford-on-Avon, sua aldeia natal. Há motivos para crêr que ali fixou residencia, indo só de tempos a tempos à capital. Algum tempo depois comprou um título. Negociou em lupulo, malte e cereais. Adquiriu novas propriedades.

Para compreender essa prosperidade crescente é preciso saber o género de negócios a que Shakespeare se dedicava. Parece provado que com o primeiro dinheiro que pôde reunir se dedicou à agiotagem. Existem diversos documentos que nos esclarecem sôbre êste ponto. Assim, sabemos que em 1598 emprestou a Richard Quiney a importância de 30 libras contra sólidas garantias. Em 1600 intentou um processo nos tribunais de Londres contra John Clayton que lhe devia sete libras e obteve a condenação dêste. Tambêm fez processar em Stratford, Philly Rogers, pela quantia de duas libras, relativa a um fornecimento de malte e um emprestimo de dois xelins. Em 1608 apresentou queixa contra John Addenbrook por falta de pagamento de seis libras e como não conseguiu cobrá-las intentou um processo contra Horneby, fiador da dívida.

Na opinião de Sir. Sidney Lee, o autor do "Hamlet", intentou acções judiciais contra essas pessôas por quantias insignificantes num tempo em que gastava milhares de libras por ano. Duma vezes meteu na cadeia por dívidas um homem que estava na miséria.

Como se sabe, Shakespeare faleceu em 1616. No seu testamento — incompreensivel num literato — dispôs minuciosamente de todos os seus haveres, mas não fez a mais ligeira referência aos seus dramas, poesias, livros ou manuscritos.

Nada há nesse estranho documento que revele o intelectual ou o artista. É apenas a expressão da última vontade dum comerciante abastado que se preocupa com o destino a dar ás riquezas que acumulou.

Um usurário, impiedoso para com os seus devedores, um comerciante insensível a uma das mais admiráveis obras até hoje produzidas — tal é o assombroso retrato moral que a biografia de Shakespeare nos revela.

Deve concluir-se disto que Shakespeare não foi o verdadeiro autor dos dramas imortais que correm mundo subscritos com o seu nome? Ou admitir antes que nêste homem singular coexistiram duas personalidades opostas?

A verdade é que a figura de Shakespeare tem ainda muitos aspectos obscuros. Basta dizer-se que o erudito italiano Paladino gastou tôda a sua vida a pretender demonstrar que Shakespeare não era inglês mas sim italiano e que se refugiara em Inglaterra onde se fez actor e dramaturgo.

QUANDO A GENTE PENSA...

O homem mais bondoso e honesto, quando cái na rêde duma mulher perversa, transforma-se numa presa mesquinha e ruim como a sua caçadora.

■

Muito mal aproveitada é a vida! Guerras, malquerenças, apoquentações, cuidados, invejas, injustiças, vaidades, orgulhos, — e para quê?

No fim apodrecemos tôdos entre as quatro tábuas dum caixão.

■

Quem nunca amou só pode falar de amor com um cego de nascença das maravilhas da natureza.

Atravessemos uma hora dissolvente: A lealdade e a justiça, a amizade e o amor dissolvem-se na onda de egoísmo que arrasou as almas.

■

A fôrça vence o direito e vence até a arte e a ciência.

O corpo sobrepõe-se ao espírito.

■

Materializar um ideal, sem lhe deixar aderente uma lasca de sonho, é matá-lo.

■

Um desejo insatisfeito é uma roseira sempre em flôr.

Depois da posse, a roseira seca.

■

Quando começamos a aprender a viver, vem a morte e leva-nos.

■

Um bom sôco dado por um analfabeto empolga de entusiasmo muitos a quem um belo trecho de prosa deixa indiferentes.

O amor-acção, com umas centelhas de espírito, deve ser o maior orgulho da mulher que o inspira.

■

A guerra veio provar que as nossas necessidades são criadas pela imaginação e que podemos viver sem quási nada.

O exemplo vale mais do que o sermão.

Há quem pregue muito e faça exactamente o contrário do que aos outros aconselha.

■

A ciência da vida é a mais difícil.

Ninguém póde gabar-se de ter completado êsse curso.

■

O amor-palavriado só convém aos românticos gastos pela imaginação.

■

Um corredor de bicicleta faz delirar as multidões, como nunca o fez um sábio ou um artista.

Para uma vida bem vivida, seriam precisas mil vidas de ensaio.

■

Nunca devemos queixarmos da nossa sorte.

Há sempre outros mais infelizes do que nós.

A escala da desventura é infinita.

■

A arte de furtar do Padre António Vieira já não interessa.

A humanidade está agora muito precisada de aprender a arte de mandar, que é muito mais difícil.

■

A resignação torna mais leve a nossa cruz e mais suave a ladeira do nosso calvário.

Se cada um de nós se contentasse com o seu quinhão e não olhasse para o do parceiro melhor contemplado, o mundo seria um paraiso.

■

Se têmos muito trabalho, dêmos graças a Deus por poder dar conta dêle.

Pior seria estar entrevado numa cama.

É por não se considerar nestas coisas que há tantos descontentes.

■

Quando uma ilusão nos morre, leva sempre consigo um pedaço de nós mesmos.

■

Se aproveitassemos da experiência dos que vieram antes de nós, tinhamos meio caminho andado.

Mas ninguém quer ouvir. Todos querem ver e sentir.

■

A hora do crepúsculo é uma hora triste.

Dá-nos a saüdade da luz que se apagou e o receio da treva que se aproxima.

É assim dentro de nós, quando a mocidade se despede.

■

Os piores amantes são os intelectuais. O seu amor é uma linda teoria que posta em prática não dá nada.

Por isso, as mulheres preferem os brutos.

■

Li algures: — "Porque não haveis de voltar a ter orgulho de serdes portugueses?!»

Eu nunca deixei de ter orgulho de ser portuguesa!

O homem, que quer ser um animal forte, desanima com o mais pequeno "ache.»

Quando está doente, é uma revolução em casa, a mãi chora, a mulher perde a cabeça e os filhs escondem-se pelos cantos.

Mercedes Blasco

PÁGINAS FEMININAS

Apesar da modificação completa da maneira de viver da mulher moderna, da sua educação tão diferente do que era dantes, da vida desportiva, que desperta a energia, da vida de trabalho, que dá a consciência do dever e das responsabilidades, há sempre a tendência, para reaparecer, a mulher boneca, êsse ente inútil, que vive na ociosidade, apenas preocupada com a sua pessôa, em geral insignificante, com o único fim na vida de se enfeitar e de se divertir.

Mas observando cuidadosamente essa criatura, que às vezes tão nefasta é na sua própria família e na que ela cria, observando o meio em que vive, a fórma como foi educada, eu chego a conclusão, que êsse tipo de mulher, que infelizmente tanto se encontra na sociedade é um produto de má educação, motivada pelo excesso de amor das famílias e de todos que a rodeiam.

Em geral são as filhas únicas ou as últimas duma numerosa família. Ultimo rebento duma família grande, a criança é para a mãi não já uma filha, mas neta e para as irmãs a última boneca.

Boneca vive cheia de graças e de encanto, em geral voluntariosa, mas sendo adorada por todos, boneca ela ficará para todo o sempre.

Não se lhe impõem deveres, as suas mais insignificantes vontades são adivinhadas por todos, e ela assim se vai criando, mimada e egoista, fazendo curvar à sua vontade todos os que a rodeiam.

Se casa martiriza inconscientemente o marido se êle é bom, e é um divórcio certo, quando o homem impaciente não está para aturar os seus caprichos, as imoderadas contas de modista, que a sua inconsciência de boneca lhe faz tornar enormes, no desejo de adornar a sua preciosa pessôa, e, muitas vezes, de agradar àquele a quem complica a vida, porque o seu cérebro de passarinho não lhe indica outra forma de agradar.

Esta mulher boneca é muitas vezes filha duma mulher que soube educar outras filhas. Entre muitas irmãs, com personalidade, actividade, aptidão para ganhar a vida, inteligência, surge no fim a figurinha graciosa dessa inútil avezinha.

Isto vem provar mais uma vez qual a influência da educação, e, qual a responsabilidade da mulher como mãi e como educadora. O amor aos filhos é natural; o que é preciso é sabê-los amar, tornando-os aptos para a vida e para mais tarde ganharem a sua vida, serem independentes e quando, formando família, saberem ser chefes de família e donas de casa, que dêem à sociedade uma seqüência ordenada de famílias que contribuam para o engrandecimento da nação.

A mulher que cumpre assim o seu dever faz mais assim do que sendo ministra de Estado, como alguns espíritos feminos muito avançados preconisam.

O que é necessário é que a mãi domine a sua fraqueza perante a filha predileta e que em vez de obrigar as outras filhas a sujeitarem tudo à vontade da pequenina boneca, as ensine a educá-la, a contrariá-la, a fazer dela uma mulher, que seja qual fôr a sua situação na sociedade a saiba desempenhar utilmente, para a colectividade.

E' preciso não se deixar cegar pelo afecto e pensar, que essa bonequinha de dois palmos e meio a quem hoje se perdoam todos os caprichos e se satisfazem tôdas as vontades será amanhã uma mulher, que ficará sempre boneca e que não poderá compreender com coragem a dura vida moderna, que exige a tôda mulher, seja solteira, casada, mãi de família, a energia e o vigor intelectual de desempenhar cabalmente a sua missão neste mundo.

A felicidade exagerada que lhe querem dar em criança, fará mais tarde a sua infelicidade e a daqueles que a rodeiam ou que dela dependem. E' pois necessário dar à criança, à rapariga e à mulher, a educação necessária para que seja na vida aquilo que tem de ser.

Filha extremosa, esposa dedicada e mãi educadora, a mulher que sabe ser isto pode ter a consciência de que cumpriu a sua missão neste mundo da melhor maneira que o podia fazer.

Maria de Eça.

A Moda

Bate-nos à porta o verão, mas como predomina o tempo incerto da primavera, apesar da coragem admiravel das elegantes, é impossível vestir os leves vestidos que o verão dêste ano nos promete. Tecidos vaporosos e ideais para as raparigas em plena juventude.

Promete-nos a estação uma volta às cambraias, aos «organdis», à clássica e sempre bonita «étamine», às cores mimosas e alegres, que tão bem se coadunam com o sol radioso dos dias de verão, «capelines» de aba larga em palha, floridas das mais variadas flores de campo, guarnecidas de longas fitas flutuantes, completarão as frescas «toilettes» numa evocação dos chapeus do segundo Império.

Chapeus que a beleza de Eugénia de Montijo, imperatriz dos franceses e a sua côrte de formosíssimas e elegantes mulheres, tornou célebres pela sombra que como uma auréola formavam em volta dêsses lindos rostos.

Mas a mulher de hoje não receia confrontos com as belezas da antiguidade e a prova está-a dando na sua escolha de chapeus que nos evocam quadros do fim da Idade Média e do tempo opulento e rico da Renascença.

Vemos na rua certas carinhas com chapeus tão antigos, caras que nos sorriram das paredes dos museus da Europa e que nos fazem recordar com infinitas saudades as galerias «degli Uffizzi» de Florença, as galerias de Roma, Milão e Veneza, a «National Gallery» de Londres, o Louvre de Paris e tôdos os maravilhosos museus que são a felicidade dos verdadeiros apreciadores dessa manifestação do génio humano, que é a arte da pintura.

Damos hoje dois modêlos de chapeus encantadores nesse género adorável que evoca a antiguidade. Um dêles em setim preto tem a fórma das toucas holandesas que nos lembram os quadros de Van Eyck, Van Dyck, Ruyodoel e todos os clássicos mestres da pintura flamenga, guarnecido com uma pequena «chou» em fita de setim preto «ciré» é completado por um véu em fio grosso, que emoldura o rosto. Antigamente êsses véus eram formados por redes, cujos nós eram pérolas finas, agora os tempos são outros e seria luxo demasiado.

O outro em palha azul escura, tem a fórma cónica dos chapeus que usaram as senhoras da Idade Média, é enfeitado com gaze azul claro em volta da copa, e, com uma espécie de véu que fórma a aba e atrás apanhado em graciosas prégas toma o aspecto de «bavolet» sôbre a nuca.

São dois modelos ultra modernos, que evocam tempos tão antigos, belezas que a Arte tornou imortais e que demonstra bem claro que a moda gira, gira e volta ao ponto de partida.

Para «toilette» de chá e de tarde um elegantíssimo modêlo de Bianchini, em setim preto e setim branco. O córte do vestido é da maior simplicidade e tôda a sua originalidade está na guarnição das mangas em setim branco, que vem formar o acabamento do vestido no pescoço. E' um modêlo elegantíssimo e da mais alta novidade. Completa-o um gracioso chapeusinho em grosso tule, chamado rede, que fórma uma auréola ao rosto. Duas raposas «argentées» preservam das surprezas que nos dão as tardes nesta época do ano.

Para de manhã o clássico «tailleur» em «tweed». Tão visto, tão usado, e, tão novo sempre, pela comodidade absoluta, que o seu uso nos traz. Uma blusa cor de rosa em «georgette». Um raminho de «muguet» na botoeira e um gracioso chapelinho em palha castanha completam esta graciosa e prática «toilette» tão apreciada de tôdas as senhoras.

Higiene e beleza

Muitas senhoras se queixam de lhes aparecerem nas unhas pequenas nódoas brancas que as desfeiam, algumas resolvem o assunto pintando as unhas de vermelho.

Nunca aconselharei as minhas leitoras a que o façam, porque acho a moda das unhas vermelhas detestavel, e, quando vejo uma mão com as unhas dessa côr, sinto a maior repugnância e tenho sempre a impressão que estão ensanguentadas, o que é horrivel.

Para evitar que as manchas se desenvolvam aplicar a seguinte preparação:

Acido salicílico 2 gramas, borato de soda quatro gramas, água de rosas distilada 100 gramas, salicilato de amido 0,25 grama, terpineol 0,20 de grama.

Aplicar de manhã e à noite. Usar verniz ou pomada para dar brilho e conservar às unhas êsse tom levemente rosado, que as torna tão bonitas e dá a uma linda mão bem cuidada e tratada, o máximo de encanto e sedução.

O jantar de recepção

Os jantares de recepção exigem requintado conforto e elegância. A mesa deve ser adornada com flores e frutas, as porcelanas mais finas devem sair dos armários e as pratas alegrarem a vista dos convidados.

Nas toalhas de mesa há agora a maior variedade. Há famílias que preferem ainda a linda toalha de linho adamascado, levemente gomada e estendida sôbre uma baeta, mas o «chemin-de-table» e os «napperons» em renda estão substituindo sôbre as mesas polidas a clássica toalha.

O «menú» do jantar deve ser cuidadosamente escolhido, com abundância sem exagero, e, com fino gôsto, mas uma coisa incumbe ainda à dona de casa, que tem uma grande importância, é orientar a conversa de fórma a que se torne interessante para todos os convidados, que devem ser escolhidos de fórma a terem comunidade de pensamento entre si, para que o jantar não seja apenas um prazer material, mas que se torne também um gozo espiritual.

Receitas de cosinha

Sopa Canadiana: Faz-se córar em manteiga uma pequena cenoura e uma cebola cortada aos bocados; junta-se-lhe 1 quilo de tomates maduros e esmagados para se aproveitar todo o líquido; 2 dentes de alho, um ramo de salsa, um pouco de tomilho e loureiro, 12 gramas de sal, 15 gramas de açúcar. Deixa-se desfazer bem o tomate em fogo brando meia hora, passa se depois no coador e aumenta-se o puré com $^3/_4$ de leite quente, retoma a sua fervura e depois juntam-se-lhe 2 colheres de farinha de milho desfeita num copo de leite frio.

Deixa-se ferver devagar durante um quarto de hora. Depois tira-se a pele e espremem-se 2 tomates que sejam um pouco duros; corta-se a polpa em pequenos quadrados e estufam com 30 gramas de manteiga, uma pitada de sal e outro tanto de açúcar, mas não se deixa chegar a puré. Preparam-se cêrca de 60 gramas de codeas de pão fritas. Deitam-se 75 gramas de manteiga na terrina as codeas fritas o tomate, e em seguida o puré a ferver.

Uma figura feminina

Juliette Adam foi uma das mais interessantes figuras femininas da França. Escritora brilhante, viveu uma longa vida cheia de interesse e de encanto.

Aos noventa anos tinha uma perfeita lucidez de espírito, no seu encantador retiro da Abbaye de Giff, a ilustre nonagenária passava uma vida feliz entregue à literatura e às mais variadas expansões da arte e do pensamento.

Entrou na literatura com o seu nome de solteira, Juliette Lambert, em 1858 tendo vinte e dois anos, com uma pequena coleção de romances.

Casou com o advogado La Messine, enviuvando pouco depois. Depois de alguns anos de viuva tornou a casar com o político Edmond Adam, continuando porém a escrever, sôbre todos os assuntos, sendo sempre notáveis e muito apreciados os seus livros.

Tendo enviuvado novamente em 1877 conservou aberto o seu salão literário que foi tão célebre pelos vultos importantes que nêle se reuniam como o célebre salão de Madame Récamier. Fundou em 1879 a «Nouvelle Revue». Muito formosa e elegante, impressionou profundamente Meyerbeer, que só uma vez a viu e lhe ficou mandando sempre violetas, em recordação do seu encontro.

Victor Hugo escreveu-lhe cartas de amizade, encantadoras. A George Sand chamava sua madrinha e a Pierre Loti o seu filho espiritual.

Desde 1902 que escreveu as suas memórias, marcando com ditos vivos alguns políticos do seu tempo. Trabalhou sempre durante a noite até às duas horas da madrugada, metodicamente, à luz dum candeeiro de petróleo velado por um «abat-jour» verde.

Nunca suportou a luz electrica. Dormiu sempre até às nove da manhã tranquilamente. O seu rendimento não lhe chegava para viver sem trabalhar.

Foi invejavel a sua velhice com uma saude boa e reunindo na sua casa cheia das mais maravilhosas flores, as suas amigas velhas e novas que acorriam a fazer a sua interessante conversa.

De mulher para mulher

Mãi: Acho-a muito sensata no que pensa e sobretudo em reconhecer os erros da sua educação. Habitue a sua filha desde já a interessar-se pela casa a ir à cozinha fazer um prato. Os estudos, que ela faz ainda que utilíssimos — pois o saber línguas é esplêndido — não a impedem de fazer isso, sobretudo se houver método na maneira de viver, haverá tempo para tudo.

TEMAS DE ARTE

Eternidade da beleza

Os rostos formosos do passado que ressuscitam em nossos dias

A beleza é eterna e nada pode fazer com que o que é verdadeiramente belo, não o seja eternamente e para sempre.

A beleza feminina sempre tão discutida e de tão variadas maneiras apreciada, é instável. E' claro que há épocas em que se aprecia mais um tipo de beleza do que qualquer outro.

A beleza moderna como agora se diz, é moderna porque é de gente nova, mas em tôdas as épocas houve estas caras e êste tipo de mulher a que agora chamam moderna.

Assim como a moda ressuscita o vestuário, assim os tipos de beleza reaparecem, séculos após séculos e a mulher verdadeiramente bela sê-lo-há de aqui a milhares de anos, quando a natureza reproduzir de novo a sua fisionomia.

Quantas vezes não ouvimos dizer duma cara bonita: "E' bonita mas tem uma cara antiga».

Não há caras antigas, a beleza é eterna e ha-de sê-lo sempre. O que há é a canalização do gôsto humano, para um certo tipo que nem sempre é o mais belo.

E nada há que mais nos demonstre êste facto, do que a visita a Museus, principalmente aos de pintura antiga. Ali vemos nos quadros que nos contemplam, na sua imobilidade de séculos, caras que

conhecemos que encontramos todos os dias na rua.

O ano passado a estação da primavera foi assinalada em Paris por um verdadeiro acontecimento de Arte que foi a exposição de Arte Italiana, que chamou ao "Petit Palais» não só todo o Paris intectual, mas ainda gente de todos os países para quem a viagem a Paris era mais fácil do que uma viagem à Itália. Foi uma prova evidente das afirmações que acima faço.

A semelhança de algumas das parisienses mais conhecidas na sociedade elegante de Paris, com os modêlos dos pintores, que haviam feito essas obras primas, dava nas vistas.

Isto deu a idéia ao jornal "Fémina» de pedir a algumas dessas senhoras que passassem vestidos, como os modêlos dos quadros e assim conseguiram interessantíssimas fotografias, que vieram demonstrar que a beleza é eterna.

Madame Alvaro Muñoz a elegantíssima parisiense, que as freqüentadoras de salões, das "premiéres» das corridas de cavalos tão bem conhecem, com o trajo de "Sibyla de lumes» de Andrea del Castagno era a reprodução exacta da formosa mulher, que tentou o pincel delicado de del Castagno, que a eternizou como beleza no seu admirável quadro que fez tanta sensação em Paris. Essa sensação que se não pode esquecer, do prazer que a Arte proporciona aos que a sabem ver, admirar e amar.

Esse prazer tiveram-no as parisienses nessa exposição, que as fez delirar, ainda que na minha humilde opinião a Arte italiana deva ser vista em Itália, nesse ambiente único, em que o seu céu, a sua paisagem, o seu clima, tão propícios se tornam aos entusiasmos artísticos.

Nesse país único que é preciso conhecer bem e que para os amadores de Arte é um "oasis» no deserto arido de ambições, que é a vida moderna em todos os países em que a materalidade e o bezerro de ouro, estão acima de tudo e dão as leis do Mundo.

Madame de Buhau outra parisiense que maravilha as que a vêem pelo classicismo da beleza do seu rosto oval, vestida e penteada como "La bella Parmigianino» essa obra prima que se deve a um desconhecido e que é sem dúvida um dos tesouros da riquíssima coleção do Museu

Nacional de Nápoles, era a reprodução exacta dêsse quadro e dessa mulher, que viveu há séculos, orgulhosa da sua beleza e talvez supondo que nunca tinha havido nem haveria nunca mais, uma mulher com a sua perfeição e beleza.

E quantas "Bella Pamigianino» não tem havido através dos séculos e não haverá pelos séculos adiante, reproduções exactas dessas feições perfeitas que eram o seu orgulho e foram e serão as de tôdas as belas Parmigianino, que existiram e hão-de existir.

Mas a reprodução mais exacta e a mais bela de tôdas, foi aquela a que se prestou a delicadíssima beleza da condessa de La Falaise, que reproduziu exactamente a cabeça da Venus dêsse tesouro humano, que é o "Nascimento de Venus» de Sandro Boticelli o maravilhoso artista, que nos deslumbra na "Galleria degli Uffizzi» em Florença e que por tôda a Itália e por todos os Museus do Mundo tem espalhadas as magnificências da sua incomparável Arte.

Com uma cabeleira admiravelmente feita por êsse artista da especialidade que é Antoine, o rosto delicado da condessa de La Falaise ressuscitou a Venus de Boticelli, a eterna Venus de beleza delicada e grave, que há séculos é admirada nas paredes dum museu e que a Natureza reproduzia igual e perfeita na graça aristocrática da deliciosa parisiense, a quem até o ano passado os seus admiradores consideravam uma beleza moderna. Não há belezas antigas nem modernas, há a beleza em todo o seu esplendor. A beleza que inspira os artistas de todos os tempos.

Esta beleza criadora de obras primas que nos deixaram os grandes artistas aqueles que são o bem merecido orgulho da humanidade, a beleza que inspirará os artistas de amanhã, os artistas de sempre.

A beleza é eterna e desde as belezas bíblícas de Ruth e de Juditte passando pela beleza fina e maravilhosa dos gregos e pela opulenta beleza romana, pela beleza púdica da Idade Média e pelas deslumbrantes belezas da Renascença, pela beleza provocante e atrevida do século XVIII, pela triste e débil beleza da romântica até à beleza desportiva da mulher de hoje, a verdadeira beleza é sempre igual.

Um vestido e um penteado e aí temos ressuscitada essa mulher bela que há séculos desapareceu, cujo corpo é hoje, cinza pó e nada.

Há nisto, por certo, motivo para inspirar os poetas que não desdenhem aventurar-se pelo caminho da filosofia. A ressurreição da beleza realizada assim ao sabor dos acasos da Natureza — ou obedecendo a misteriosas e complexas leis — tem o seu quê de profundo e perturbante. Para o lírico que sofreu mal de amores por certo rosto belo e desdenhoso e para êles procurou a expressão em rimas é, sem dúvida, uma ideia estranha e alucinante pensar que essas mesmas feições ressurgirão um dia, séculos mais tarde talvez, para admiração e tormento de outros homens.

Para os outros, para os que preferem o aspecto mais positivo da questão, o facto averiguado de que a beleza ressurge certifica que a Humanidade prossegue no seu desenvolvimento harmónico e que a falada decadência da espécie é um pessimismo injustificado. Enquanto nascerem mulheres tão formosas como as de outrora, a raça humana pode sentir-se tranqüila e olhar o futuro com confiança.

Maria de Eça.

SECÇÃO CHARADÍSTICA

Desporto mental

NÚMERO 57

DICIONÁRIOS ADOPTADOS

Cândido de Figueiredo, 4.ª ed.; Roquete (Sinónimos e língua); Francisco de Almeida e Henrique Brunswick (Pastor); Henrique Brunswick; Augusto Moreno; Simões da Fonseca (pequeno); do Povo; Brunswick (antiga linguagem); Jaime de Séguier (Dicionário prático ilustrado); Francisco Torrinha; Mitologia, de J. S. Bandeira; Vocabulário Monossilábico, de Miguel Caminha; Dicionário do Charadista, de A. M. de Sousa; Fábula, de Chompré; Adágios, de António Delicado.

APURAMENTOS

N.º 48

PRODUTORES

QUADRO DE DISTINÇÃO

SILENO
N.º 18

QUADRO DE CONSOLAÇÃO

VINA
N.º 21

OUTRAS DISTINÇÕES

N.º 3, Miss Diabo; n.º 5, Bisnau.

DECIFRADORES

QUADRO DE HONRA

Decifradores da totalidade — 26 pontos:
Alfa-Romeo, Frá-Diávolo, Cantente & C.ª, Gigantezinho, José da Cunha

QUADRO DE MÉRITO

Fan-Fan, 25. — Ti-Beado, 25. — Salustiano, 22. — Rei-Luso, 22. — Só-Na-Fer, 20. — Só Lemos, 19. — Sonhador, 19. — João Tavares Pereira, 18. — Lamas & Silva, 17. — Salustiano, 17

OUTROS DECIFRADORES

D. Dina, 11. — Lisbon Syl, 10. — Aldeão, 9

DECIFRAÇÕES

1 — Pongo gola-Pongola. 2 — Mana-nada-manada. 3 — Franga-galho-frangalho. 4 — Pala-lato-palato. 5 — Prevê. 6 — Servil. 7 — Pateadura. 8 — Dobrado. 9 — Celícola. 10 — Nadina-nana. 11 — Risota-Rita. 12 — Cajado-cado. 13 — Pinga-o-ão. 14 — Agá. 15 — Andador-andor. 16 — Tabo-bôca-taboca. 17 — Paródia. 18 — *Insuave*. 19 — Laque. 20 — Lerdo. 21 — *Entrada*. 22 — Novato-noto. 23 — Panela-pala. 24 — Façudo-fado. 25 — Furlana-furna. 26 — Canta o corvo, vento certo.

TRABALHOS EM PROSA

MEFISTOFÉLICAS

1) A *família* leva-me a *bôlsa* e ainda apanho uma *descompostura*... (2-2) 3.
Coimbra — *José Tavares*

2) Num *antigo corpo de tropa* havia o *costume* ou uso da *conferência*. 2-2 (3).
Lisboa — *Stop (G. dos Verdes)*

3) Que feliz *tempo*, «*mulher*», aquele em que passeávamos à luz branca da *Lua!*... (2-2) 3.
Lisboa — *To-My*

NOVÍSSIMAS

4) No *mata* vi a *tua espécie de xairel*. 2-1.
Luanda — *Dr. Sicascar*

5) Actuar com *energia* é o *único* meio *vigoroso*... 2-1.
Tomar — *Mar Said*

6) *Logo que* profira uma só *palavra* serás por mim *amaldiçoado*. 1-2.
Lisboa — *Miss Diabo*

7) *A vida* sem *abundância* é um *fluxo de sangue*. 2-2.
Lisboa — *Silva Lima (T. E.)*

SINCOPADAS

8) A *cerveja* tem muita *gordura*. 3-2.
Lisboa — *Caçador*

9) Que homem tão *grosseiro!* Nem lava *a cara!*... 3-2.
Lisboa — *Dr. da Mula Ruça*

10) Um *gatuno hábil* não leva *vida de lupanar*. 3-2.
Mafra — *Deka*

11) Ainda há quem censure uma mulher quando cai... Quem estiver *livre* de culpa que lhe atire uma **pedra** 3-2.
Lisboa — *Mad Ira*

TRABALHOS EM VERSO

ENIGMA

12) Ela, *mulher alegre*
Para nos enfeitiçar.
Ele, grande *brincalhão*
P'ra nos endemoninhar.
No aumentativo:
Um grande *brejeiro*
Para tudo desmanchar.
Luanda — *Ti-Beado*

LOGOGRIFO

13) Quem me dera *possuir* — 9-5-8
As virtudes do «*Senhor*»! — 1-2-7
Para contigo sentir
Tôda a vida, meu amor!

** Três ** coisas a Deus pedi, — 4-7-8
Contigo *ainda* sonhando; — 10-9-5
E rezei no fim por ti,
Chorando, sempre chorando...

A tua bôca rosada — 6-2-3
Já nem sei quando a beijei... — 2-7-10
Talvez numa madrugada,
Quando a sonhar acordei...

Ligue Deus as nossas vida — 10-4-5
Numa «*existência*» sòmente; — 1-8-3
Morrerão penas nascidas
De tortura permanente.

Nada na vida é *igual*, — 6-10-3
Por mais que o Mundo se mova; — 6-8-3
Só a morte é tal e qual...
Lágrimas, flores, uma cova...

Joguei na sorte — perdi;
No amor perdi também...
Êsse *prémio* que antevi
Nenhuma lista o contém...
Lisboa — *Mad Ira*

MEFISTOFÉLICAS

14) *Frio*, neve no caminho,
Piso duro como *rocha*,
O *tamanco* com jeitinho
Vou batendo, mas à brocha... (22) 3.
Lisboa — *Papo-Sêco*

15) *Ganha no jôgo do solo*
Quem com um *calhau*, subtil,
Derrotar o seu parceiro
Usando de certo *ardil*. (2-2) 3.
Lisboa — *Rás Kassa*

NOVÍSSIMAS

16) Quanta tristeza *atravessa* — 2
Meu coração dolorido!
Anda de *luto* e não cessa — 1
De pensar no *decorrido*

Tempo belo que morreu!
Como foste e como estás!
Que triste sorte Deus deu
Ao coração que aqui jaz!
Lisboa — *Odracir*

17) *Governa* mal a Maria — 2
O caroço do marido...
Há discussões todo *o* dia — 1
E muito prato partido.

Às vezes a vizinhança,
Com pena da desgraçada,
Mete o pé na contradansa,
E então redobra a pancada!

Às tantas a confusão
E' tamanha e de tal modo,
Que o sôco, o cachação
Fervem e caem a rôdo!

Se acode a Polícia acaso,
Que mimo e delicadeza..
A' trolha vai tudo raso,
E tôda a gente vai prêsa...

É bom sempre aconselhar
Frieza de ânimo às vezes...
Principalmente ao chegar
O tétrico fim dos meses...
Mafra — *Sargento Bera*

(Ao Ex.mo Director e Mestre Rei Fera)

18) Ainda distraído a ver o *mar* — 2
E sem sequer passar em minha mente
Lembrança grata, vossa, em me honrar,
Vos vi no cais por entre tanta gente!

Fiquei parado, mudo, *simplesmente!* — 1
Pois não podia conceber que tal
Insigne charadista, mestre eminente,
Me desse êsse valor!... Banal mortal,

Agradecendo venho, no local
Que julgo bom, assaz apropriado,
Dizendo gratamente que, afinal,
Eu nunca mais serei assim «*honrado*».
Lisboa — *Silva Lima (T. E.)*

SINCOPADA

19) Cantigas que o vento leva,
Cantigas que sempre *canto*
Nesta vida — eterna treva,
Nesta treva — eterno manto.

História desta tristeza:
Cantiga mais que sombria...
Na minha alma vive prêsa,
Morrerá comigo um dia... 3-2
Lisboa — *Mad Ira*

TRABALHOS DESENHADOS

20) ENIGMA FIGURADO

LEIRIA — MAGNATE

Tôda a correspondência relativa a esta secção deve ser dirigida a Luiz Ferreira Baptista, redacção da *Ilustração*, rua Anchieta, 31, 1.º — Lisboa.

A visão da guerra

Abnegação maternal

Após a Grande Guerra, houve quem acreditasse na consolidação de uma paz duradoira, visto que uma tão dura lição deveria ter feito compreender, a vencedores e vencidos, a inutilidade de chacinas só compreensiveis nos tempos crueis da Idade Média.

Surgiram logo apóstolos da Paz, que afincadamente se empenharam na semeadura que havia de trazer o sossêgo à humanidade. Trabalhosa foi a sementeira que, pelo visto, tendo sido regada com sangue, apodreceu melhor.

O que nos reserva o dia de amanhã?

Quando ainda não estão reconstruídas as ruínas provocadas por êsse espantoso cataclismo, surge novamente o espectro da guerra a ameaçar o mundo inteiro.

Quem poderá prevêr o dia de amanhã?

Em boa verdade, os documentos que nos falam da guerra franco-prussiana, da terrível luta entre russos e japoneses, e a carnificina fratricida travada nos Balkans, apresentam êsses períodos funestos em tôda a sua nudêz horrorosa. Não se tratava de homens, mas de feras que nada ficaram a dever aos hunos do Átila, nem ás legiões de Tamerlão.

Ora, os homens de hoje, longe de se harmonizar, requintaram na sua ferocidade diabólica.

Quem não se recorda da invasão dos alemães na Bélgica e dos horrores ali cometidos? A isto poderão responder que, em tempo de guerra, o homem deixa de raciocinar, para proceder como uma fera sanguinária, que, embora irracional, têm o seu objectivo.

E, então, hoje como ontem, tôdas as atrocidades serão desculpadas com o estribilho de sempre:

C'est la guerre!

No dia 4 de Agosto de 1914, o general Von Emmich, comandante em chefe do Exército do Mosa fez distribuir esta proclamação à população civil da Bélgica:

«É com o meu mais profundo pesar que as forças alemãs se vêm forçadas a transpôr a fronteira da Bélgica, mas uma necessidade inevitável a isso as obriga. A neutralidade da Bélgica, foi violada por oficiais franceses que, sob disfarce, atravessaram, em automóvel, o território belga, com o fim de penetrarem na Alemanha.

«Belgas! E' o meu maior desejo evitar, por todos os modos possíveis, a luta entre dois povos que até aqui têm sido amigos e mesmo outrora aliados. Lembrai-vos dos dias gloriosos de Waterloo, em que as armas alemãs contribuiram para fundar e estabelecer a independência da vossa pátria.

«Mas precisamos do caminho livre. A destruição de pontes, túneis ou vias férreas será considerada como um acto de hostilidade!

«Belgas! Tendes de escolher! Espero que o exército alemão do Mósa não será obrigado a combater-vos. Um caminho livre para atacar, é tudo quanto desejamos.

«Dou formais garantias ao povo belga, de que nada sofrerá com os horrores da guerra, que pagaremos em moeda de oiro os víveres que requisitarmos ao vosso país, que os nossos soldados se mostrarão sempre os melhores amigos de um povo pelo qual mantemos a mais alta estima e a maior simpatia.

«Do vosso bom senso e patriotismo bem compreendido depende o evitar ao vosso país os horrores da guerra».

Nêsse mesmo dia, 4 de Agosto de 1914, os alemãis, em face da resistência belga, sustaram o seu avanço na passagem do Mosa, e espalharam a morte e a destruição. Na povoação de Warsage, onde a proclamação foi mais intensamente distribuida pelos uhlanos, três pobres camponeses fôram abatidos a tiro, seis enforcados, nove outros assassinados por vários modos.

Era assim que o invasor manifestava *o seu profundo pesar* pela violação que era forçado a fazer na fronteira dêsse pequeno país, cuja grandeza de alma havia de assombrar o mundo.

Incêndios, sôbre incêndios... Só no dia da proclamação fôram queimadas e arrazadas vinte e cinco casas nessa pequena aldeia!

Uma heroica aldeã, que se recusou a declarar o paradeiro do filho, ferido em combate, foi julgada e fusilada, sem apêlo nem agravo, à vista dos filhos que, ocultos nas ruínas da sua antiga casa assistiam ao martírio heroico daquela que lhes dera o ser.

Era mãi, e, tendo-lhes dado a vida, sacrificava-se a ponto de dar a própria vida por êles!

Como êste episódio, poderíamos citar milhares, mas nem assim conseguiríamos apiedar a humanidade...

Hoje, em dia, o homem não se limita a contar com os seus próprios recursos naturais para os ataques que empreende. Auxiliados pelos sábios de laboratório, conta com os recursos da guerra química que pode ser considerada a mais abominável das covardias.

Há cêrca de 150 anos, já Lazare Carnot dizia que «a química era uma ciência de que a Nação poderia tirar maior auxílio para a sua defesa».

Com um certo pudor, dizia-se que apenas para defesa deveriam ser aplicados tais processos de combater. Hoje, tudo se modificou, tendo o avanço da civilização notificado que a ordem dos factores era arbitrária sempre que se trate de abrir caminho.

Aviões, que podem ter uma longa estabilidade no ar, transportam 500 quilos de bombas a quinhentos quilómetros de distância, e a 7.000 metros de altura.

«Uma bomba de 500 quilos de fosgénio, — diz um técnico francês — rebentando no interior de um edifício, por maior que êle seja, provocará uma condensação tão grande de gases, que todos os seus habitantes morrerão, estejam ou não munidos de máscaras».

Que diria o nosso Nuno Alvares Pereira ante tão modernos processos de combater?

«Vão fusilar a nossa mãi!»

As oito cartas

(Problema)

Coloquem quaisquer oito cartas na disposição que a gravura indica:

Vejam lá se podem mover uma única carta de modo a ficarem cinco cartas em cada uma das duas linhas rectas?

Reparem bem, porque o problema tem nele um pouco de *manha*.

Um filósofo

O chinês Tchoun Li Kai morreu ha pouco, a bordo dum barco á vela que já tinha um século de existência e estava amarrado num pequeno porto, próximo de Hong Kong. Vivia ali sósinho com um criado mudo. Ali tinha nascido; nunca viera a terra e nunca recebêra ninguem. Seu pai e sua mãi tinham vivido de igual fórma, na companhia do criado que tem hoje perto de cem anos.

Este criado mudo é que vinha a terra fazer as compras diárias de provisões alimentícias. Compras bastante sumárias, aliás, pois Tchoun Li Kai não comia absolutamente nada senão arroz, tal e qual como seus pais.

E em que passava êste excêntrico o seu tempo? A escrever. Muito erúdito — tinha-se instruido a si próprio — juntára durante a sua longa vida solitária, um número considerável de manuscritos.

Ao sentir aproximar o seu fim chamou o criado e ordenou-lhe:

— Deita todos os meus manuscritos ao mar. Escrevi para mim e não para os homens, a quem desprézo.

E assim se fez.

Sete anos de séca

Em contraste com as chuvas torrenciais que têm assolado parte da Europa e da América, na África do Sul, em certas partes do Transvaal e do Natal não choveu um ano a fio, ultimamente, o que poz em risco de morrerem á fome 50.000 indígenas. Nalgumas partes da Índia, da América do Sul, da Ásia Central e do Norte de África, a chuva não cái violentamente por mais de dois anos, mas essas regiões são escassamente povoadas. Neste caso, o peor lugar do mundo deve ser uma certa região de Lwensland, na Austrália, onde chove regularmente, mas apenas uma vez de sete em sete anos!

Bridge

(Problema)

Espadas — — — —.
Copas — 8, 7.
Ouros — V. 3.
Paus — A. 2.

Espadas — D. 7.	**N**	Espadas — V. 5.
Copas — — — —.	**O E**	Copas — — — —.
Ouros — D. 5.		Ouros — 10, 8, 6.
Paus — V. 3.	**S**	Paus — 8.

Espadas — 10, 9.
Copas — — — —.
Ouros — A. R. 9.
Paus — 10.

Trunfo é copas. *S* joga e faz as vasas tôdas.

(Solução do número anterior)

	S	*O*	*N*	*E*
1.ª vasa	**6 espadas**	9 copas	D. copas	4 espadas
2.ª »	3 copas	6 ouros	**Az copas**	4 copas
3.ª »	3 ouros	**10 paus**	3 paus	10 copas
4.ª »	**2 espadas**	D. paus	4 paus	V. copas
5.ª »	**3 espadas**	7 ouros	6 paus	R. copas

Se *O* se baldasse ao R. de paus, firmava o 6 de paus de *N*; se *E* se baldasse ao R. de copas, firmava o 5 de copas de *S*.

	S	*O*	*N*	*E*
6.ª vasa	**5 copas**	— — — —	— — — —	— — — —
7.ª »	**Az ouros**	— — — —	— — — —	— — — —
8.ª »	4 ouros	— — — —	**R. ouros**	— — — —

ou 1.ª, 2.ª e 3.ª vasas iguais; na 4.ª *O* joga 7 de ouros.

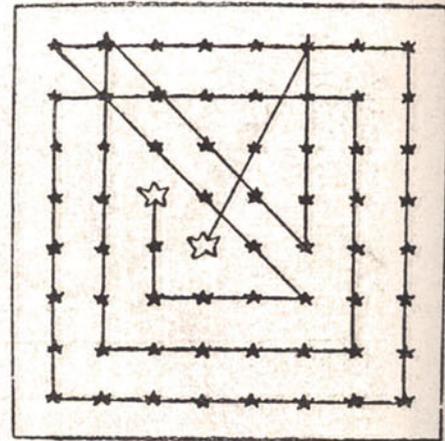
	S	*O*	*N*	*E*
4.ª vasa	**Az ouros**	7 ouros	2 ouros	9 ouros
5.ª »	**3 espadas**	D. paus	4 paus	V. copas
6.ª »	**2 espadas**	8 ouros	6 paus	R. copas ou V. ouros
7.ª »	situação análoga à da 1.ª solução.			

Pela espessura da casca de fóra, duma cebola vulgar, a sr.ª Lena Franz, de setenta e quatro anos, de Filadélfia, pode profetisar o tempo no praso duns poucos de mezes e as suas extraordinárias e acertadas previsões, adquiriram-lhe grande fama, em toda a América.

Sonâmbulo (que veio parar dentro da estufa fazendo em estilhaços o tecto de vidro): — Graças a Deus que não é verdade! Estava a sonhar que tinha caido dum cavalo abaixo.

(Do *Punch*)

As estrêlas brancas

(Solução)

A gravura é suficiente para explicar a solução. As estrêlas pretas são tôdas alcançadas pelas linhas rectas, em 14 movimentos, tendo estes começado numa das estrêlas brancas e terminado na outra.

Xadrez

(Solução)

Brancas	*Pretas*
1. D — 4 C R	R — 4 D forçado
2. P — 4 B +	R×T (a)
3. D — 8 B D +	Mate
(a)	
2. — — — — — —	R — 4 R
3. T — 6 R +	Mate

Doutores em modas

A Universidade de Toronto abriu uma cadeira para o ensino científico e artístico da moda.

Êsse ensino não se limita à moda de vestuário, mas abrange todas as variações do gôsto do público, em matéria de arquitectura, mobiliário, pintura e música.

Poder-se-ha conferir o título de doutor em modas aos estudantes, os quais, cousa curiosa, pertencem exclusivamente ao sexo masculino.

Um hortelão francês, não tendo forma de vender os magníficos repôlhos da sua horta, vê-se obrigado a entregá-los todos a um intermediário, por um preço ridículo, comparado ao que, pelo género, se pedia na praça. Para se vingar abriu as fôlhas de alguns dêles e meteu-lhes no meio um cartão em que dizia: «*F... morador em X... vendeu êste repôlho por 40 cêntimos*».

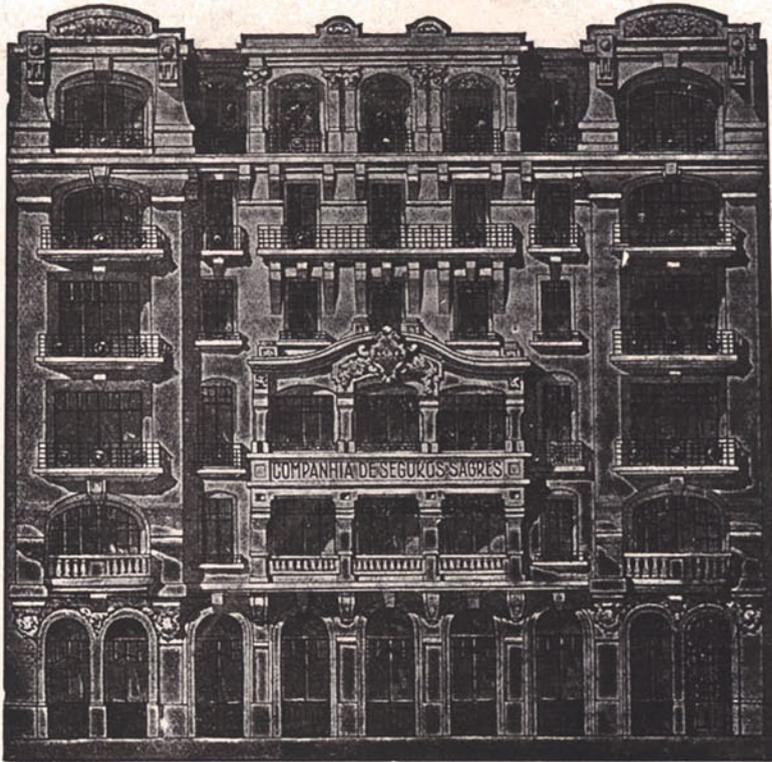
Passados dias recebeu um postal onde se lia o seguinte:

«Madame Y, moradora em Z... comprou um repôlho da sua horta por 6 francos. Queira trazer me a casa para mim e para minhas amigas, tôdas as semanas, 50 repôlhos que lhos pagarei a 3 francos cada um».

O coronel Lindbergh, sua mulher e seu segundo filho, vieram procurar na Europa, a segurança que já não tinham na América.

Em seis mêses receberam 1.100 cartas com ameaças ou com pedidos de dinheiro sob condições.

Os sábios criminalistas yankis calculam que, dêste número, apenas sessenta cartas eram «sérias».

SAGRES

Aspecto do edificio na Rua do Ouro em Lisboa pertencente à Companhia, onde estão instalados os seus escritórios

COMPANHIA DE SEGUROS
LUSO-BRASILEIRA

Séde: Rua do Ouro, 191
LISBOA

TELEFONES : 2 4171 – 2 4172 – P. X. B.

CAPITAL REALIZADO 2.500.000$00

Seguros de vida em todas as modalidades

O FUTURO DOS FILHOS E DA FAMILIA
— A GARANTIA NA VELHICE —

CONSULTEM A SAGRES

INCENDIO
MARITIMOS
AUTOMOVEIS E POSTAES

Dr. Bengué, 6, Rue Ballu, Paris.

Apr. D. S. P. em 6-3-1913 soo o Nº 28

Venda em todas as Pharmacias

PAULINO FERREIRA

: : ENCADERNADOR - DOURADOR : :

AS MAIORES OFICINAS DO PAIZ, MOVIDAS A ELECTRICIDADE

CASA FUNDADA EM 1874

Premiada com medalha de oiro em tôdas as exposições a que tem concorrido. — *DIPLOMAS DE HONRA* na exposição da Caixa Económica Operária e na Exposição de Imprensa

TRABALHOS TIPOGRÁFICOS EM TODOS OS GENEROS simples e de luxo

Orçamentos Grátis

Rua Nova da Trindade, 80 a 92—LISBOA

Telefone 2 2074

GRAVADORES

IMPRESSORES

TELEFONE 2 1368

BERTRAND IRMÃOS, L.DA

TRAVESSA DA CONDESSA DO RIO, 27 - LISBOA

Venda a prestações contra entrega imediata da obra. O cliente paga a 1.ª prestação e leva para casa os 21 volumes

HISTÓRIA UNIVERSAL

de GUILHERME ONCKEN

A mais completa e autorizada história universal até hoje publicada

Tradução dirigida por

CONSIGLIERI PEDROSO, AGOSTINHO FORTES, F. X. DA SILVA TELES e M. M. D'OLIVEIRA RAMOS

antigos professores de História, da Faculdade de Letras

21 vols. no formato de 17cm. × 26cm., 18.948 págs., 6.148 grav. e 59 hors-textes

ENCADERNAÇÃO PRÓPRIA EM PERCALINA

Os poucos exemplares que restam, resolveram os editôres, para facilitar a sua aquisição, vendê-los a prestações mensais

Preço desta obra colossal, encadernada, **Esc. 1.365$00**

1.ª prestação, Esc. 165$00 — As restantes 12, a Esc. 100$00 cada mês

Com o pagamento da 1.ª prestação o comprador leva imediatamente a obra completa para enriquecer a sua estante ou a sua banca de trabalho

Peçam informações mais detalhadas à

LIVRARIA BERTRAND — Rua Garrett, 73 — Lisboa

OBRAS
DE
JÚLIO DANTAS

PROSA

ABELHAS DOIRADAS — (3.ª edição), 1 vol. Enc. 13$00; br. ... 8$00
— (1.ª edição), 1 vol. br. ... 15$00
ALTA RODA — (3.ª edição), 1 vol. Enc. 17$00; br. ... 12$00
AMOR (O) EM PORTUGAL NO SÉCULO XVIII — (3.ª edição), 1 vol. Enc. 17$00; br. ... 12$00
AO OUVIDO DE M.me X. — (5.ª edição) — O que eu lhe disse das mulheres — O que lhe disse da arte — O que eu lhe disse da guerra — O que lhe disse do passado, 1 vol. Enc. 14$00; br. ... 9$00
ARTE DE AMAR — (3.ª edição), 1 vol. Enc. 15$00; br. 10$00
AS INIMIGAS DO HOMEM — (5.º milhar), 1 vol. Enc. 17$00; br. ... 12$00
CARTAS DE LONDRES — (2.ª edição), 1 vol. Enc. 15$00; br. ... 10$00
COMO ELAS AMAM — (4.ª edição), 1 vol. Enc. 13$00; br. 8$00
CONTOS — (2.ª edição), 1 vol. Enc. 13$00; br. ... 8$00
DIALOGOS — (2.ª edição), 1 vol. Enc. 13$00; br. ... 8$00
DUQUE (O) DE LAFÕES E A PRIMEIRA SESSÃO DA ACADEMIA, 1 vol. br. ... 1$50
ÊLES E ELAS — (4.ª edição), 1 vol. Enc. 13$00; br. 8$00
ESPADAS E ROSAS — (5.ª edição), 1 vol. Enc. 13$00; br. 8$00
ETERNO FEMININO — (1.ª edição), 1 vol. Enc. 17$00; br. ... 12$00
EVA — (1.ª edição), 1 vol. Enc. 15$00; br. ... 10$00
FIGURAS DE ONTEM E DE HOJE — (3.ª edição), 1 vol. Enc. 13$00; br. ... 8$00
GALOS (OS) DE APOLO — (2.ª edição), 1 vol. Enc. 13$00; br. ... 8$00
MULHERES — (6.ª edição), 1 vol. Enc. 14$00; br. ... 9$00
HEROÍSMO (O), A ELEGÂNCIA E O AMOR — (Conferências), 1 vol. Enc. 11$00; br. ... 6$00
OUTROS TEMPOS — (3.ª edição), 1 vol. Enc. 13$00; br. 8$00
PÁTRIA PORTUGUESA — (5.ª edição), 1 vol. Enc. 17$50; br. ... 12$50
POLÍTICA INTERNACIONAL DO ESPÍRITO — (Conferência), 1 fol. ... 2$00
UNIDADE DA LÍNGUA PORTUGUESA — (Conferência), 1 fol. ... 1$50

POESIA

NADA — (3.ª edição), 1 vol. Enc. 11$00; br. ... 6$00
SONETOS — (5.ª edição), 1 vol. Enc. 9$00; br. ... 4$00

TEATRO

AUTO D'EL-REI SELEUCO — (2.ª edição), 1 vol. br. ... 3$00
CARLOTA JOAQUINA — (3.ª edição), 1 vol. br. ... 3$00
CASTRO (A) — (2.ª edição), br. ... 3$00
CEIA (A) DOS CARDIAIS — (27.ª edição), 1 vol. br. 1$50
CRUCIFICADOS — (3.ª edição), 1 vol. Enc. 13$00; br. 8$00
D. BELTRÃO DE FIGUEIROA — (5.ª edição), 1 vol. br. 3$00
D. JOÃO TENÓRIO — (2.ª edição), 1 vol. Enc. 13$00; br. 8$00
D. RAMON DE CAPICHUELA — (3.ª edição), 1 vol. br. 2$00
MATER DOLOROSA — (6.ª edição), 1 vol. br. ... 3$00
1023 — (3.ª edição), 1 vol. br. ... 2$00
O QUE MORREU DE AMOR — (5.ª edição), 1 vol. br. 4$00
PAÇO DE VEIROS — (3.ª edição), 1 vol. br. ... 4$00
PRIMEIRO BEIJO — (5.ª edição), 1 vol. br. ... 2$00
REI LEAR — (2.ª edição), 1 vol. Enc. 14$00; br. ... 9$00
REPOSTEIRO VERDE — (3.ª edição), 1 vol. br. ... 5$00
ROSAS DE TODO O ANO — (10.ª edição), 1 vol. br. 2$00
SANTA INQUISIÇÃO — (3.ª edição), 1 vol. Enc. 11$00; br. 6$00
SEVERA (A) — (5.ª edição), 1 vol. Enc. 13$00; br. ... 8$00
SOROR MARIANA — (4.ª edição), 1 vol. br. ... 3$00
UM SERÃO NAS LARANGEIRAS — (4.ª edição), 1 vol. Enc. 13$00; br. ... 8$00
VIRIATO TRÁGICO — (3.ª edição), 1 vol. Enc. 13$00; br. 8$00

Pedidos à

LIVRARIA BERTRAND

Rua Garrett, 73 e 75 — LISBOA

A obra mais luxuosa e artística dos últimos tempos em Portugal

HISTORIA DA LITERATURA PORTUGUESA
ILUSTRADA

publicada sob a direcção
de
Albino Forjaz de Sampaio
da Academia das Ciências de Lisboa

Os três volumes publicados da HISTÓRIA DA LITERATURA PORTUGUESA, ILUSTRADA, compreendem desde as suas origens aos fins do século XVIII. Impressa em **magnífico papel couché** os seus três volumes são um album e guia da literatura portuguesa contendo além de estudos firmados pelas maiores autoridades no assunto, gravuras a côres e no texto de documentos, retratos de reis, sábios, poetas, e escritores, vistas, gravuras, quadros, autógrafos, portadas de edições raras ou manuscritos preciosos, monumentos de arquitectura, estátuas, cerâmica, ourivesaria, tapeçaria, mobiliário, bandeiras, armas, sêlos e moedas, lápides, usos e costumes, bibliotecas, músicas, iluminuras, letras ornadas, fac-símiles de assinaturas, plantas de cidades, encadernações, códices antigos, vinhetas, marcas tipográficas, etc. O volume 1.º com 11 gravuras a côres fóra do texto e 1005 no texto; o 2.º com 11 gravuras a côres e 576 gravuras no texto e o 3.º com 12 gravuras fora do texto e 576 dentro o que constitue um núcleo de **1.168 páginas com 34 gravuras fóra do texto e 2.175 gravuras no texto.**

A HISTÓRIA DA LITERATURA PORTUGUESA ILUSTRADA, é escripta pelas **mais eminentes figuras da especialidade,** nomes escolhidos entre os membros da Academia das Ciências de Lisboa, professores das Universidades, directores de Museus e Bibliotecas, nomes que são impereciveis nas letras portuguesas. Assim sôbre vários assuntos firmam artigos A. Botelho da Costa Veiga, Afonso de Dornelas, Afonso Lopes Vieira, Agostinho de Campos, Agostinho Fortes, Albino Forjaz de Sampaio, Alfredo da Cunha, Alfredo Pimenta, António Baião, Augusto da Silva Carvalho, Conde de Sam Payo, Delfim Guimarães, Fidelino de Figueiredo, Fortunato de Almeida, Gustavo de Matos Sequeira, Henrique Lopes de Mendonça, Hernâni Cidade, João Lúcio de Azevedo, Joaquim de Carvalho, Jordão de Freitas, José de Figueiredo, José Joaquim Nunes, José Leite de Vasconcelos, José de Magalhães, José Maria Rodrigues, José Pereira Tavares, Júlio Dantas, Laranjo Coelho, Luís Xavier da Costa, Manuel de Oliveira Ramos, Manuel da Silva Gaio, Manuel de Sousa Pinto, Marques Braga, Mosés Bensabat Amzalak, Nogueira de Brito, Queiroz Veloso, Reinaldo dos Santos, Ricardo Jorge e Sebastião da Costa Santos.

Cada volume, encadernado em percalina 160$00
„ „ „ „ carneira 190$00

Pedidos à LIVRARIA BERTRAND

73, Rua Garrett, 75 — LISBOA